

Casa

Gab.

Est.

Tab.

N.º

02

4

14

R-4-14

ESCOLA *Dupl.*

DE

ORACAM

CONTEMPLACAM,  
MORTIFICACAM DAS PAIXOENS,  
& outras materias principaes da  
doutrina espiritual.

*Composta pello Padre*

FRETIOAM DE IESVS MARIA

*Carmelita Descalço, natural  
de Calahorra,*

E AGORA TRADUZIDA EM NOSSO  
Idioma Portugues, pello Padre Balthezar Guedes, Sa-  
cerdote do Habito de São Pedro, filho indigno da Ter-  
ceira Ordem da Penitencia, & Reytor do Collegio de  
Nossa Senhora da Graça dos Mininos Orfaõs da  
Cidade do Porto, que tambem acrecen-  
tou o Alfabeto dos Tratados pe-  
ra melhor intelligencia  
desta obra.

OFFERECIDA A SEMPRE VIRGEM MARIA

*Senhora Nossa das Soledades, Padroeira  
deste Santo Oratorio.*

EM COIMBRA. *Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de IOSEPH FERREYRA, Impres-  
sor da Vniversidade: Anno 1678.

*Do Collegio d' S. Joseph d' Carmelitas das  
Calh.*

ESCOLA

de

# ORACAO

CONTEMPORANEA

MORTIFICACAO DAS PAIXOES

de S. JOAQUIM

de S. JOAQUIM

de S. JOAQUIM

de S. JOAQUIM

de S. JOAQUIM





DEDICATORIA  
OFFERECIDA A SEMPRE  
Virgem Maria Senhora Nossa  
das Soledades, Padroeira  
deste Santo Ora-  
torio,



VITO alta, & muito poderos-  
sissima Senhora, Suspenso, por  
pouco devoto, vacilava na elei-  
çam a quem avia de dedicar este minimo  
trabalho de traduzir à lingua Portu-  
guezã esta Escola, & principio de ora-  
çam, que ha quatro annos se continua  
em este Oratorio, & Collegio dos vossos  
Orsaõs: & flutuando neste mar da elei-  
çam, entre a escolha do acerto, pus os  
olhos em o Ceo (porto seguro pera minha  
navegaçam,) & achei logo a vós Sobe-  
rana Estrella, pera conseguir com mar  
bonança o fim de meu intento, estando

## DEDICATORIA.

*certo de seu bom successo, quando por  
 vòs Soberana Aurora, me governasse; se-  
 gui este intento, & acertei, achando,  
 que só a vòs Soberana Imperatrix do  
 Ceo, & terra pertencia esta dedicato-  
 ria; a rezam he tam clara, que nam ne-  
 cessita d'explicaçam: porque, se o Se-  
 nhor vos fes Mãy de peccadores, quan-  
 do afflicta assi assististes ao pè da Cruz,  
 & se com nosco assistis como a filhos  
 lembrados de vossas lagrimas, & Sole-  
 dades, percisamente me era necessario  
 buscarvos por emparo (como sempre) pe-  
 ra patrocinares esta traduçam, donde  
 espero, que com vossa graça, & favor,  
 ham os filhos do vosso Oratorio de tirar  
 muitos proveitos espirituaes, & muitas  
 melhoras em suas vidas, de que vòs te-  
 reis particular gloria por veres, que vos-  
 so filho, & nosso Deos he servido, & a-  
 ma-*

## DEDICATORIA.

*mado nestes Santos exercicios, & que  
nòs os peccadores, que os exercitamos,  
tratemos de viver, como quem ha de  
morrer de vòs assistidos com a confiança  
que temos de vosso emparo. Os Anjos  
vos louvem: os justos vos engrandecam,  
& eu peccador sempre vos sirva, sempre  
vos ame, & em vosso obsequio dè a vida.  
Deste vosso amado Collegio dos vossos  
Orfaõs do Porto 16. de Julho de 1677.*

Deste vosso escravo que muito  
deleja servirvos.

*Balthazar Guedes.*







## PROLOGO AO DEVOTO LEYTOR.

**S**empre me persuadi ter muito necessario, aos que querem tratar da vida espiritual, terem hum A, b, c, ou Escola, donde principiassem este tanto exercicio, que não sómente consta de fervorosa continuacão, mas ainda necessita de liçã na Escola da Oraçã, & pratica do Pay espiritual, que suposto neste caminho do espirito o verdadeiro mestre he o Elpirito Santo, que com sua divina luz illustra o entendimento, pera que suspenso das cousas terrestres trate só das celestiaes, & com esta verdade ser tam clara, nos aconselham Santos: tenhamos liçã antes da Oraçã, que he sua segunda parte, & como quem principia ha mister Escola em que leya, trateis de procurar Escola, em que todos os filhos deste santo Oratorio possã ler, & aproveitar. Pratiquei, devoto leytor, este meu desejo com quem governa (por pay espiritual) minhas açcoens: aconselhoume, tratasse de traduzir esta Escola da Oraçã do Idioma Espanhol ao nosso Portuguez; porque entre os livros doutos, pios, & contemplativos, era este o ramallete mais suave, que entre o magnifico jardim da livraria espiritual sahio a luz ha muitos tempos. E como seu Autor he Religioso Carmelita Det-

calço poem o tratado primeiro, explicando o Estatuto de sua Religiam, fins, & partes, & obrigaçoens do seu estado; & isto mesmo, que elle diz acerca da perfeiçam de sua vida, devemos nós imitar, pois tratamos de reformar nossas vidas, & entre o laberinto mundano, dirigir nossas acçoens à perfeiçam religiõa, & Christãa quanto nos for possível; pello que te peço, devoto leytor, que quando leres o Capitulo seguinte, & achares as obrigaçoens de hum Religioso, entendas fala contigo o tal Capitulo, advertencia, numero, & notaçam; porque como todos queremos caminhar pera a perfeiçam, pera onde elles caminham, devemos nós tambem, os q̄ seguimos o santo exercicio (que neste Oratorio de Nossa Senhora das Soledades, neste Collegio dos mesmos Orfaõs todos os dias se continuam,) he conveniente caminhar com acerto, orar com fervor, penitenciar com discricam, & anhelar com todo o desvelo ao sequito das virtudes, pera agradar, & servir a sua divina Magestade; tudo, devoto leytor aqui te offereço, pera esta Escola te chamo; pera esta lição te convido; & que sigas esta santa doutrina te admoesto, Deos te guarde, o Espirito Santo te alumie, & a mim me encaminhe. Oratorio do Porto 16. de Julho dia do Triunfo de Santa Cruz de 1677.

*Valle.*



ESCOLA  
DE  
ORACAM.  
TRATADO I.

*Do Estatuto, & modo do Estado Religioso, partes, & fins & obrigações de tão reformado modo de vida, que devem continuar os q̃ trarão de perfeição.*



VALQUER Religioso está obrigado a saber, qual seja seu proprio, instituto, suas partes, & obrigações, pois a rezão pede q̃ todo o professor, saiba o que professa; & pera que



Fol. 107 *Escola de Oração.*

os Religiosos, & mais pessoas, q̄ resolutos a seguir a Christo, & deixar vicios, conuem tenham distinto conhecimento destes pontos tão importantes, será pois bem, que se sirvão das advertências seguintes.

Nota primeiro. Causa certissima he, que o ultimo fim, assi dos Religiosos, como dos seculares he o mesmo: porque todos caminhão à eterna vida, quando vivem huns, & outros como devem. De sorte que o verdadeiro Religioso, & o bom Christão secular, cada hum destes, conforme seu estado, tem posto a mira, & todo o seu cuidado em a visão clara de Deos, pera o gozarem em sua gloria com a perfeita charidade, & amor, com q̄ em aquella celeste Ierusalem, o estão gozando, os q̄ do mundo triumpharão: E este gozo he o ultimo fim do homem.

Nota 2. Não basta ao Religioso, & Christão saber só esta verdade: se não tambem ha de saber, que antes de chegar aquelle ultimo, & beatissimo fim, ainda ha outro fim, antes do ultimo, em  
o qual



o qual convem todos, & ao qual caminho, & se dirigem todas as Congregações, de Religiosos, & gente pia; & este fim, ainda não ultimo, commum a todas as Cógregações, he a perfeição da charidade em o Senhor, que se pode, & custuma alcançar em esta vida: Aqual charidade, & Amor de Deos, ainda que não chega à ultima perfeição, de charidade do estado glorioso, com tudo isso, he hũ excellentissimo grao da perfeição, mui digno de ser de nós buscado com todos os trabalhos, & exercicios da vida Monastica, & reformada, em que os bons seculares caminão, fora da clausura religiosa.

Nota 3. Saiba pois o Religioso, & o Christão reformado, que pello mesmo caso, q̃ hum professa sua regra, & o outro largando vicios, detestando culpas, começa a caminhar pella vida espiritual, exercitandose nas virtudes, se obriga gravemete a seguir com todo o cuidado, & dirigir suas acções a perfeição de charidade, & Amor de Deos, de ma-

## *Escola de Oração.*

neira, que ha de por o ficto em procurar alcançala, mas, nem por isso está obrigado a ser perfeito como o estão os Prelados, cujo estado he de Mestres da perfeição. E o estado Religioso, & secular reformado, não he estado de Mestre, se não de Discipulo, & de homem, que estuda, & se aplica a apprehender a perfeição da vida Christãa, segundo a commum doutrina dos Santos, & Theologos Ecclesiasticos. Pera intelligencia desta obrigação, de caminhar cada hum de nós a perfeição, se considere, aquelle cômum proverbio dos Espirituaes, em que se declara, que no caminho da perfeição: O não hir a diante he tornar atras; o que se prova com evidencia; Toda a acção humana em particular, ou he boa, ou he mà, segundo o commum sentir dos Thomistas: E por tano, quando he boa, adiante se caminha, & quando he mà atras se torna, ou gravemête peccando, quando a acção de si he peccado mortal: ou levemente, quando a acção não he mais, que peccado venial, & neste

ste caso os habitos da graça, & Amor de Deos, com outras virtudes, não se destroem, nem perdem os graos de sua intenção, Note-se tambem, que a perfeição Christãa consiste principalmente, & essencialmente em a observancia dos mandamentos do Amor, & charidade de Deos, & do proximo; & secundaria, & instrumentalmête consiste em seguir os conselhos Evangelicos, que servem pera a mais perfeita guarda dos mandamentos. Note-se mais, que a rezão, porq̃ a perfeição espiritual consiste em a charidade, como diz Santo Thomas em o lugar citado assima art. 1. He porq̃ a perfeição de hũa cousa consiste em unirse có o seu proprio fim: E por tanto a perfeição do homẽ Espiritual consiste em a charidade, & Amor de Deos, aqual com o mesmo Senhor une nossas almas, que he o nosso ultimo, & beatissimo fim.

S. Thom.  
2. 4. 9.  
184. ar-  
tic. 3.

Nota 4. De mais dos pontos sobre-ditos, que são communs a todas as Religioes, & a todos os Christãos no seu es-



*Escola de Oração.*

tado secular, quando nelle vivem como devem; convem, q̄ assi huns como outros, saibão o fim, ou proprios fins de sua Religião, Congregação, ou Estatuto; porque cada hum destes Estados, & vida Espiritual, aqual se compoem, daquelles fins, que são mais proprios seus, & tem as partes principais acomodadas a observancia da regra, ou modo de vida, q̄ vão seguindo. E desta destinação especifica, nasce a variedade maravilhosa das Sagradas Religioes, adorno fermosissimo da Santa Madre Igreja; de tal maneira lustrão, que sendo os fins de cada hũa particulares, & proprios, em os quaes, nem todos convem, caminão todos à perfeição da charidade, & Amor de Deos, em aqual charidade todos se unem, por ser seu ultimo fim. Assi vemos, que hũa Religião, ou Congregação escolhe por Estatuto, & proprio fim a contemplação: Outra o desvello de pregar: outra escolhe ambos estes fins: contemplar, & pregar, dispondoos de maneira, que seja pera aproveitarse assi, &



& a seus proximos. E como esta variedade de fins immediatos, aspirão ao fim mediato, & commum da divina charidade, como fica dito. Advirtase, que ha muitas Religioes, que hão escolhido aquellas dous fins immediatos, porem seguindo diferentes regras, & Constituições, ou modo de caminhar àquelles fins, as quaes bastão, pera q̄ se nomeem, & sejam differêtes Religioes, por quanto pera haver distincão especifica de cousas moraes, não se necessita de mais differença, que aquella, que nas cousas sobreditas se acha.

Nota 5. E conforme a doutrina apresentada, estão nossos Religiosos, & Congregados necessariamente obrigados a saber qual seja nosso Estatuto, & modo de viver reformado, pera que saibão, quaes são os fins immediatos, pellos quaes hão de chegar ao fim mediato da divina charidade, & ao ultimo da eterna vida, que buscamos. Respondendo a este ponto, digo, que nosso Estatuto he mixto, & composto de dous fins, ou

*Escola de Oração.*

*Leia-se o  
Tratado  
da vida  
activa,  
& contem-  
plativa.*

partes, das quaes húa he a contempla-  
ção, & outra a acção; E de tal maneira,  
que sempre a contemplação he fim, ou  
parte mais principal, quero dizer, que  
nossa Religião, & forma de vida atten-  
de primeiro, & principalmente a cami-  
nhar à perfeição da charidade ( que he  
o mesmo, que Amor de Deos ) com os  
exercicios da vida contemplativa, & se-  
gundaria, ou menos principalmente có-  
os da vida activa. E pella Misericordia  
de Deos nosso Senhor, & dos mereci-  
mentos da Virgem Santíssima sua mãy,  
& Senhora nossa, & intercessão de nos-  
sa Madre S. Theresa, os taes exercicios,  
estão admiravelmente ordenados, & a-  
comodados pera ambos os fins, & par-  
tes de nosso Estatuto, tanto em os Mo-  
steyros de Religiosos, como nos Con-  
ventos de Religiosas.

Nota 6. Do sobredito se segue, que  
quando algum dos nossos Religiosos,  
ou Congregados, lhe pergütarem, aon-  
de caminha, com a observancia, q̄ pro-  
fessa, responda: Caminho à perfeição  
do

do Amor Divino por meyo de hum Estatuto mixto, & composto de contemplação, & acção (que he o mesmo, que vida activa) de tal maneira, que meu principal cuidado, he adereçar minhas acções, & sentidos, que me levão, & encaminhão a vacar a Deos, & contemplar as cousas divinas: o qual modo, notavelmente me ajuda pera aproveitar em o Amor de Deos, & secundariamente me anima, a satisfazer cõ prompta vontade, o q̃ a Obediencia me ordena, em rezão da vida activa, quando me manda estudar, pregar, cõfessár, & trabalhar de mãos pera a charidade do proximo.

Nota 7. Convem advertir, que o Estatuto da Religião, ou Congregação comprehende os dous fins sobreditos, regra, Cõstituições, & exercicios, como meyos, pellos quaes se alcançã aquelles dous fins. Por esta rezão os nossos Religiosos, & Congregados, de tal maneira hão de considerar aquelles fins, q̃ não busquem outros caminhos, ou meyos, pera alcançalos, se não aquelles, que



*Escola de Oração.*

nossas leis, & Estatutos lhês ordenão, persuadindose, que só desta maneira, & não de outra caminharão seguros a perfeição do divino Amor, pellos proprios fins, ou partes de nosso Estatuto. Com esta doutrina, se responde a hũa importante pergunta; he ella que cousa seja caminhar a perfeição, respondo, q̄ não he outra cousa mais, que guardar a lei de Deos, & aquellas cousas, que são cômuns aos outros Christãos, juntamente com as partes do proprio Estatuto, que cada hum tem obrigação guardar, aonde sempre ha de ir com a mira, & desejo de caminhar a perfeição do Amor, & charidade de Deos.

○ Nota 8. Quanto às obrigações do nosso estado não se offerece cousa de novo neste lugar, se não, que os tres votos solemnes, & o quarto de não pretender officios, né dignidades, & os preceitos formaes dos Superiores, & o officio divino obrigaõ aos Religiosos professos a peccado mortal, & a regra obriga a peccado venial. As Cõstituições, & instruc-



instruções, & outras disposições dos Superiores não obrigaõ a peccado algum, & somente obrigaõ a pena, donde, & quando algũa se impoem. Com tudo, os bons Religiosos hão de guardar (como pella graça do Senhor observão) os Estatutos q̄ não obrigaõ a peccado, com tanta perfeição, como se quebralos fora grave culpa.

Nota 9. Com o conhecimento dos pontos sobreditos faberà qualquer Religioso distinguir o seu estado, & modo de vida, do estado, & vida dos seculares Christãos, o qual servirà, pera estimar, & venerar mais o estado Religioso, em que se vê, pera dar ao Senhor graças, por tantos beneficios, tanto mais avantajados, quanto são menores os do mundo. Porque alem da graça, q̄ o Senhor lhes dà ajudandoos à guarda de sua divina lei, acrescentandolhe os remedios dos Sacramentos, & alguns exercicios espirituaes, & mortificações, em q̄ por muitas vezes, os reformados seculares se exercitaõ; Ha provido sua Divina Mage-

### *Escola de Oração.*

Magestade a nosso Religioso estado de muitos favores proporcionados, pera alcançar a perfeição Christãa, que seria grande cegueira não conhecelas, & notoria ingratição, não estimalas, & não dar por ellas muitas graças a sua divina bondade. Os votos, a regra, as Constituições, & ordens dos Superiores, os exercicios da Oração, & mortificação, a vida commua, & regular, os capitulos, exortaçoẽs ordinarias, o retiro da cella, o silencio, a emulação em pontos de observancia, os actos de charidade, & humildade, & outras cousas, que contem nosso Estatuto, são singulares beneficios divinos, & convenientissimos meynos pera o grangeo, & sequito da perfeição, & da eterna vida, pera onde caminhamos.

Nota 10. Aquelle pois que pertende chegar atè o fim da perfeição Monastica, principalmente ha de attender, & applicarse a duas cousas. A primeira he o estudo, & cuidado da oração, & mortificação, de maneira, que em os exercicios

cicios de nossa Regra, & em todas as occasiões, que se offereção tenha sempre o Religioso, & Congregado postos seus olhos em dous pontos, o primeiro he ter o coração unido em Deos nosso Senhor pello acto resignante em sua divina vontade: O outro, anegar o juizo, vontade, & proprios appetites. Este he o real caminho, que Christo Senhor nosso pregou, & os Apostolos, & mais Santos seguirão, por cuja causa ha de ser de todos nós amado com todo o coração.

Nota II. Concluamos sabendo, que àcerca dos fins immediatos, ou partes de nosso Estatuto pello qual somos obrigados em primeiro lugar a attender à contemplação como a fim mais principal, de que nasce hũa duvida: que parece, que não satisfaz sua obrigação o Religioso, ou Congregado, q̃ não chega à contemplação, pois havemos dito, que este immediato na nossa Religião, ha sido escolhido por hum meyo efficaç, com o qual, se chega à perfeição do divino Amor, & charidade de Deos, pera



*Escola de Oração.*

pera o qual caminhão todos os que tra-  
tão da vida espiritual, & reformada, af-  
fim os que vivem em clausura, como os  
que no seculo se dão à vida reformada,  
& espiritual. Formase esta duvida, & se  
comprehende em estas palavras. Como  
pode aproveitar em o Amor de Deos  
nosso Senhor, o que não continua o ca-  
minho, que escolheo pera aumentar-se  
na divina charidade? Respondo: que  
quem se aplica à oração, que he cami-  
nho da contemplação ( como o fazem  
nossos Religiosos, & Congregados ) fa-  
tisz a sua principal obrigação, ainda q̄  
não cheguem à verdadeira, & propria  
contemplação. Por se não haver esco-  
lhido, como meyo universal, pera apro-  
veitar em a charidade do acto proprio  
da contemplação, o qual he hum dom,  
& merce especialissima do Senhor, al-  
cançada de poucos: Considerando, que  
havemos escolhido universalmente a  
vida contemplativa, quero dizer, hum  
modo de vida, que se emprega em ex-  
ercicios espirituacs, principalmente de  
oração,

oração, cujo fim, & termo, he propria contemplação, do qual termo toma o seu nome, & se chama por esta causa vida contemplativa. E por esta causa o Religioso, & Congregado, que caminha atè aquelle termo, satisfaz com sua obrigação, & pode alcançar a perfeição da charidade divina, ainda que em toda a sua vida não tenha hum quarto de hora de propria contemplação. Mas aquellos poucos, q̄ alcançáo este grande bem aproveitaõ taõ maravilhosamente em a divina charidade, que não são as palavras bastantes a explicalo.

## TRATADO II.

### *Da Oração.*

**O**ração, propriamente he hũa petição feita a sua Divina Magestade; mas conforme o uzo ordinario, este nome oração significa hũa sobida, ou elevação da alma a Deos nosso Senhor;

## Escola de Oração.

*Oratio  
est eleua-  
tio mētis  
in Deum.*

& neste sentido se incluem todas as partes da oração, q̄ conforme sua primeira significação somente convem a ultima parte, & ultimo fim, que he Deos.

2 As partes da oração são seis. Preparação, Lição, Meditação, Acção de graças, Offerecimento, & Petição: A preparação he de duas maneiras, remota, & proxima; A preparação remota consiste em hũa creatura, que quer amar a Deos, fugir às occasiões de destrahir os sentidos pellas creaturas, & suspender os cuidados de todas as cousas contrarias ao recolhimento interior de sua alma; A proxima consiste em considerar, que a Divina Magestade està alli presente, a quem nada se esconde, & logo voltando a creatura sobre si, vê claramente sua propria vileza, & fragilidade, com aqual consideração, se dispoem com reverentes affectos, & amorosos actos a sua Divina Magestade, humilhando se pello conhecimento proprio, considerando consigo mesmo, que não ha nelle cousa boa, & q̄ só he hum abismo



mo, de peccados. E com este affecto, & humiliação se ha de começar a orar; como o fez o Publicano, cuja oração foy taõ agradavel a Deos nossõ Senhor, que entrando peccador a orar, sahio da oração justificado.

3 A Lição ha de ser primeiramente com attenção lida, o segundo de espaço, & com sossego, o treceiro com eleição do ponto mais efficaz, tomando delle a parte, que mais o obriga, & rende o espirito pera meditar, ou discorrer sobre o passo daquelle dia, ou ponto da lição, a fim de mover a vontade a se render, pera amar a Deos, & naõ farà muito ao caso ser a lição antes, ou despois da preparação.

4 A Meditação ha de ser, primeira moderada, segunda efficaz; Advirtase, que da meditação donde se consideraõ os beneficios de Deos, nasce o agradecimento daquelles favores, & este agradecimento tem duas partes, que são o affecto interior agradecido, com o qual se daõ as graças ao Senhor, & a outra

B

parte

*Escola de Oração.*

parte he obrar algũa cousa no serviço, segundo suas forças, & a este fim se faz o offercimento, em o qual se offercem os bons prepositos de obrar obras virtuosas interiores, & exteriores.

5 A Acção de graças consiste, primeiro, em despertar affectos de agradecimento, segundo, em fazer alguns actos de amor, louvando, & engrandecendo a Deos nosso Senhor, pellos beneficios, que a creatura considera na meditação tem recebido de sua Divina Magestade.

6 O Offercimento consiste em sacrificar-se todo por acto resignante na vôtade deste Senhor, querendo, que nelle se faça sua Divina vontade; segundo em offerecer outros infinitos coraçoes, se tantos tivera, pera amar este Senhor, terceiro, em propor sempre consigo de fazer excellentes actos de virtudes interiores, & exteriores, principalmente daquellas, de que se vê mais necessitado, & de pelear contra as paixões, & tentações, que mais o combatem.

7 A Petição consiste em pedir; primeiro,

meiro, todo o bem conveniente ao homem; segundo, em pedir a victoria das tentações, & vicios, que mais o afligem; terceiro, em pedir a virtude, que por entãõ lhe he mais necessaria; quarto, em pedir pellos proximos; quinto, em pedir có grande fee ao Eterno Padre nos conceda o que lhe pedimos por I e s v Christo nosso Senhor, & seu unico Filho.

8 A rezão destas seis partes he a seguinte. Estã mui posto em rezaõ, que quem ha de fallar com hũ grande Principe, & muito mais com a Magestade de Deos, se prepare, & concerte, considerando, com quem quer tratar, & que negocio he, o que lhe quer communicar, & pera este fim serve a preparaçaõ. A mesma politica pede, que se considere a materia, do que se ha de tratar: & a este fim he a Liçaõ, que representa a materia sobre que se ha de meditar. Obrigação he, que se considere a materia de que se ha de tratar, pera cujo effeito he necessaria a Meditaçaõ pera a ponde-



ração da materia discorrendo sobre ella. Depois de discursar, se segue a applicação do affecto, pera amar a Deos, o qual affecto nasce da meditação, em aqual se haõ considerado os beneficios recebidos da liberal mão de sua Divina Magestade. Porque o mesmo motivo, que moveo a alma a preparar-se, & escolher materia, discorrendo sobre ella obriga, que quando naquelle discurso da meditação, se conhece mais claramente as misericordias de Deos nosso Senhor se reconhece a alma muito mais obrigada a seu grande bemfeitor, & por ellas lhe de graças com intimos affectos de seu coração, & pera este fim servem a acção de graças. He justo que alem deste agradecimento interior faça a alma agradecida a recompensa que pode, & lhe he possivel; & a este fim serve o offerecimento. Em o qual o homem se offerece todo, com aquelle affecto de agradecimento possivel, & propoem, que fará obras virtuosas por agradar ao Senhor, de quem se vê taõ obrigado.

Mas

Mas segundo a doutrina Catholica, se supoem, que não pode o homem pagar esta divida, & obrar santamente sem o favor, & graça divina. Pede a rezaõ, q̃ a ultima parte seja offerecer petição a seu Creador, & Senhor pedindolhe forças pera satisfazer com suas obrigações, pera lançar de si o pezo dos peccados, pera alcançar as virtudes, & finalmente pera alcançar todas as cousas necessarias, & convenientes ao sequito da eterna vida, que o Senhor a todos nos communique.

9 *Em que se poem a Oração composta pellas partes sobreditas, tomando por materia as dores, & afrontas de Christo Senhor N. crucificado.*

Supoemse a Lição, ser deste mysterio.

*PREPARAC, A M.*

10 **E**V vilissimo peccador, aqui prostrado, ey de fallar contigo! O Magestade altissima, & excellentissimo

*Escola de Oração.*

Senhor, Creador, & Redemptor meu. Que extremo he este a q̄ chegais, dignandovos concederme o bem de que nesta ora trate convosco, sendo eu, o q̄ mais, que todas as creaturas vos ha offendido, & entre os homens o mais ingrato: Bem se està mostrando, que este excessso he obra de tua divina bondade, & misericordia, pois consentes, que eu vil bicho da terra, o mais desprezado, q̄ mereço, por minhas culpas, ser de ti apartado eternamente, pello muito, que te ey offendido: Ache agora lugar diante de tua Divina Magestade pera orar, & pedir o bem de minha salvaçõ. Louvemte por mim todos os Espiritos Bemaventurados. E eu miseravel peccador te adoro, te conheço, & te quero amar desde oje pera todo sempre. O Altissimo Rey dos Reys, diante de cuja grandeza, & immensa Magestade hũa, & mil vezes me torno a postrar, & te confagro minha alma, pera vacar, & orar ati que es todo o meu bem, & final objecto: Senhor, de meus peccados me arrependo

*Note se, q̄ esta medi-  
taçãõ, &  
as outras  
partes, se  
podẽ es-  
tender  
mais con-*



pendo muito de coraçãõ, suplicandote humilmente tenhas por bem perdoarme, ajudandome, pera que esta ora de oraçãõ em que me ponho seja proveitosa, & frutuosa, pera gloria tua, & salvação minha.

*forme o tempo, do qual se ha de empregar a maior*

II Meditaçãõ, he cuidar, & meditar em o passo, que ly de te ver posto, meu Iesv, & Senhor meu em essa Santa Cruz; O Iesv, & Redemptor meu, quem me soubera, como devo, ponderar ternamente aquellas acerbissimas dores, gravissimos tormentos, & ignominias, que nesse patibulo, por mim padeceste.

*parte, em as tres partes seguintes, q̃ são o fruto da boa meditaçãõ.*

Eu estou certo, ò meu bem infinito, ò Iesv de minha alma, que toda a exageraçãõ, de que eu pudera uzar, seria mui curta, pera admirar o excessivo dessas dores; Porque quando te vejo assi lançado em esse duro madeiro, desconjuntados os ossos, engravadas as mãos, & sagrados pès com taõ duros cravos, & tua sacratissima cabeça toda trespassada, com aquelles horriveis espinhos, com cujas dores todo te vejo afflicto, & angustia-

do,

*Escola de Oração.*

do, como te cantou o Propheta, com  
cruéis angustias de morte: E quando  
confidero, & sei de certo, que teu purif-  
simo corpo foi formado pello Espirito  
Santo com hũa compleição delicadissi-  
ma, & aptissima pera sentir as dores,  
mais que outro qualquer homem, assen-  
to comigo, que forão inefaveis tuas pe-  
nas, rigorosissimos teus tormentos, &  
sem comparação tuas dores: Acho, que  
quem a ellas se não move a sentillas, &  
choralas pera emenda de sua vida, he  
mais pedra, do que homem, & mais du-  
ro que as mesmas pedras, pois se que-  
braraõ, vêdo estas dores, & eu não mor-  
ro, considerando estas penas: & se a tan-  
to excesso de amor ajunto, aquella ad-  
miravel traça de tua Divina Pessoa, que  
soube inventar aquelle modo tão admi-  
ravel de unir-se a hũa natureza passivel  
pera ficar apto, & disposto a padecer  
tão excessivas dores; Pasmo admirome,  
desejando saber sentir, assi como sei ad-  
mirar, só digo com todo o conhecimen-  
to proprio, que sou hũa creatura crudi-  
lissima,

líssima, ingrátíssima, que foi a causa deste espectáculo justo, que se executou em ti, innocétíssimo Filho de Deos vivo, que por mim morreste em esse sacratíssimo lenho. E se depois de todas estas considerações me puzer a escutar attentamente os escarneos, as ignominias, & baldões, que teus inimigos, meu Iesv, vendo te em tão grandes penas de novo te crucificação com suas infernais linguas, dizendote mil insultos, & defacatos, alegrandose de verte morrer, cõ tanta dor, & ignominia; A estes extremos de amor, pera comigo, que ey de responder, meu Deos, se não que sou hum Iudas ingrato, hum discipulo traydor, hum peccador excessivo, hum abismo de culpas, hum mar de offensas, que formando esquadroes desconhecidos, por meus, te pufferão em as mãos sacrilegas desses famintos lobos, pera que à sua vontade, te pufferem nesse estado de penas, em q̃ tanto te desejavão ver. Peçote, amantíssimo Senhor meu, me digas como he possivel, ou que rezão



*Escola de Oração.*

pede, que tu meu Redemptor te hajas entregue em as mãos de tais inimigos por meu amor? Eu sei que te offendi desde o instante, que comecei a viver, & provoqueei tua ira a castigarme; pois como peejas cótra mim tão doce, & brandamente? Porque ha de morrer o innocente pello culpado, & pello ingrattissimo peccador como eu.

12 Agradecimento, & acção de graças: Eu te dou infinitas graças Eterno bem meu, & quisera ter infinitos corações, pera cantar, & celebrar com todos elles tua infinita misericordia. Este, & os seguintes actos, se hão de multiplicar segundo o tempo der lugar.

13 Offerecimento. Eu Senhor meu benignissimo te offereço amim mesmo, todo, & infinitos corações, que quisera ter pera sacraficalos todos a teu serviço, & proponho em correspondencia de tanto amor servirte fidelissimamente, & mortificarme em tudo o que he adverso a minha salvação, & em particular naquelle vicio em que mais me fin-

to inclinado, & mais me dificulta, o sequito da virtude a elle contraria. Aqui conforme o tempo, como aſſima ficadito, mais, ou menos abreviado.

14 *Petição.* Conheço amantissimo Senhor, que nenhũa cousa boa posso obrar sem tua ajuda, Rey liberalissimo; Dame graça, pera que alcance victoria das payxoês que me aſligem, & pera alcançar esta virtude necessito muito de teu Divino Amor, & amparo, pera que com elle chegue a logarte nessa eterna gloria: Donde por tua misericordia me leva. Amem.

15 *Das partes da oração em commum.*

16 **D**Vvida primeira. Se ha outras partes mais da oração alem das que havemos dito? Respondo que naõ. Antes muitos Santos as reduzem a menos. Porẽm esta divisaõ, que havemos escrito, he utilissima pera os principiantes. E suposto, q̃ alguns livros espirituaes poem a contê-

*Escola de Oração.*

plação na ordem em que havemos posto as partes da oração: Achamos, & a experiencia nos tem mostrado, que ha sido causa de menos acerto aos novos principiantes; & suposto he verdade, q̄ debaixo deste nome da oração se pode comprehender a contemplação, por ser hũa ultima elevação da alma pera Deos, com tudo isso fallando propriamente, ha grande differença da oração à contemplação, & os q̄ de novo principião, querendo logo por se a contemplar, perdem o tempo, & o proveito da oração ordinaria, o que mais claramente se entenderà, quando em seu lugar se tratar da contemplação.

*Pera esta duvida,* 17 *& pera a seguinte se leia também a resposta da duvida* 14. *14.* Duvida 2. Se he necessario aquem ora fazer todas as seis partes, que dissemos? Respondo, que he conveniente ao principio, pera empregar aquelle tempo com fruto; mas não he de tal maneira necessario, de tal modo, que se o que ora, se sente bem occupado (ponhamos por exemplo) em a preparação. (E o mesmo digo das outras partes

tes



tes affectivas) não cõvem deixar aquelle pasto certo pello duvidoso, ou por exercitar as outras partes. Advirtase, q̃ quando a preparação, se não fizer antes, convem, que em nenhum caso, se deixe de fazer em o mesmo Oratorio.

18 Duvida 3. Se he necessario uzar da mesma ordem que aqui fica posta? Respondo que he proveitosa, em quanto a alma, se não sente movida do Senhor a outra forma de orar, mas quando se sente rendida ao primeiro lance, em a petição v. g. ou em o offerecimento, bem pode seguir aquelle impulso, ainda que não haja precedido meditação, & despois virà a entender a mesma Meditação. Saibão q̃ a lição pode ser antes, ou despois da preparação indifferentemente. Tambem se advirta, que despois da Meditação, não convem ligar a alma a ordem daquellas tres partes ultimas affectivas, que são acção de graças, offerecimento, & petição, mas antes deixar a alma, q̃ attenda primeiro àquella parte, àqual se inclina mais o seu

*Escola de Oração.*

seu affecto, & amor.

*Da Preparação.*

19 **D**Vvida 4. Acerca da materia da oração, se se ha de preparar, o que vai orar antes de ir ao Oratorio? Respondo, que si, mas ha-se de advirtir hum erro, que pode succeder em a preparação, porque a sua forma he aquella, que assima fica posta, & em ella está a excellencia da boa preparação; mas em dispor a materia succede, que o que não está exercitado convenientemente, teme não lhe falte a materia, em que se ocupe, quando está em a oração, gastando o tempo em considerar antes da oração muitos conceitos pera depois meditalos em o Oratorio, perdendo o fructo da oração com o demasiado discorrer; o que he notorio erro, não se ha pois de fazer assim, se não continuar a ordem das meditações costumadas, considerando hum pouco na cella, casa, ou caminho, o ponto, que  
mais

mais o rende , & afeiçoa ao amor divino, v. g. se esta tarde havia meditar o inferno, tomar o ponto, que mais o movem a terrivelidade das penas , & sua duração que serà eterna , ou a privação da vista de Deos tanto pera sentida , & de nòs taõ pouco considerada : & procurar conservar aquelle sentimento na alma, tornando despois ao tempo da oração a considerar o mesmo quando finta em sua alma , que outro qualquer ponto o naõ move, mais eficazmête, entre aquelles pontos, que ha lido, ou ouvido ler. E não convem preparar muitos conceitos, rezoês, jaculatorias, pera despois repetilas artificiosamente na oração, se naõ ir a ella com humildade, & singeleza , que dessa sorte fica a alma mais illustrada, & cõfortada do Senhor com as rezoês, & pensamentos, q̃ como amoroso Pay em o lugar da oração, lhe està inspirando. Nem convem artificiosamente preparar o affecto amoroso , q̃ da oração deseja tirar porque , se a meditação foi verdadeira , & fervorosa o affecto



*Escola de Oração.*

affecto se despertará com ella: Suposto, que bem se pode, & convem não sempre, ir muitas vezes a oração com determinado intento, de tirar v.g. affecto de cõtrição, ou dor dos peccados, quando hũa alma se examina, pera confessar geralmente, ou de humildade quando a propria estimação o combate, Porém este modo, mais propriamente se chama intento, que preparação do affecto amoroso. Tenho dito que não convem ir sempre à oração com intento de tirar affecto determinado, porque não convem apertar demasiadamente o espirito, se não darlhe lugar, que pella meditação se mova geralmente a bons affectos do Amor de Deos N. Senhor, porq̃ se a vontade hũa vez se enternece, facilmente tirará despois algum affecto dessa mesma vontade, dobrandoa em aquella ternura, em q̃ se vê, como se fora hũa cera; aborrecendo o peccado por ser agravo cometido, contra seu querido bem: Logo se renda ao seguimento das virtudes, à mortificação das pay-  
xoês,

xoës, & finalmente a obrar todo o bem,  
& fugir a todo o mal.

*Da Meditação.*

20 **D**Vvida 5. Que cousa he Me-  
ditação? Respondo, que he  
hum discurso do entendimê-  
to, dirigido a mover a vontade; segue-se  
logo, que se ha de uzar della quanto he  
necessario pera mover a vôtade, a amar  
a Deos nosso Senhor, & não mais.

*Da presença de Deos, & do uzo da  
imaginação.*

21 **D**Vvida 6. Que cousa he pre-  
sença de Deos? Respondo, q̃  
he hũa applicação da alma a  
meditar em Deos nosso Senhor, ou ima-  
ginaria, ou intellectualmente; & com  
esta applicação dizemos, q̃ temos a Deos  
presente, & suposto que he verdade q̃  
Deos está presênte em todo o lugar, ain-  
da que nosso pensamento esteja delle

C

diver-

*Escola de Oração.*

divertido, & só dizemos (como os Santos nos ensinão) que temos a Deos presente, & estamos em sua presença quando nossa alma, se lhe aplica có suas potencias. Advirtase que quando applicamos a alma sem formar imagens, se chama presença de Deos intellectual, & quando se aplica forma de imagens, se chama presença de Deos imaginaria, & segundo esta doutrina, se pode exercitar a meditação com imagens, ou sem ellas.

22 Duvida 7. Como poderá a presença de Deos nosso Senhor acomodar-se a qualquer materia, que na oração se medita, & que húa creatura toma ao principio do dia, ou da semana? Respondo que acerca desta acomodação, não he necessario ao que ora, molestar-se em buscar acomodação da materia, & presença de Deos artificialmente; se não, que traga figurado a presença de Christo Senhor nosso da maneira que o traz em sua presença aquelle dia, & então medite na materia, que se lhe oferece,



ferece, considerando com todo o acatamento, que está diante do mesmo Senhor; & se a materia da meditação cõcorre com a da presença de Deos, & ou ver modo pera acomodar hũa com outra, & se não cõcorrer, bastará ter o resguardo sobredito; & sendo de outra maneira se gasta o tempo sem proveito, em especulações, faltando na oração o affecto, que se pertende. De maneira, que esta reposta que dou se ha de entender, quando a meditação não he da mesma materia; como de Christo em quanto Deos, ou em quanto homem, se não de outras cousas, como do juizo, ou da morte, &c. Digo, q̃ então figure a presença de Deos, na forma, que aquelle dia o traz presente em sua alma, meditando em a materia que quizer, como quem está diante de Christo: Mas se naquelle dia, ou ora tomase por presença de Deos o passo de Christo atado à coluna, & quizesse meditar em Christo erucificado, he cousa certa, que por então ha de deixar a presença da coluna,

*Escola de Oração.*

& tomar a de Christo Senhor nosso na Cruz.

23 Duvida 8. Quanto à meditação; se se ha de formar algũa imagem, pera meditar? Respondo, que si, salvo, se a pessoa, que ora, despois de ter larga experiencia, & conselho de seu mestre espiritual, tiver licença de orar, sem formar imagens, se não applicandose somente à presença de Deos intellectualmente. Advirtase, que ha algũas almas, que não podem formar imagens; & pera estes tais convem, o que acabamos agora de dizer, despois de haver desta materia boa experiencia.

24 Duvida 9. Se os que não podem formar imagens, sendo imperfeitamente, hão de deixar a obra da imaginação, & dar-se à presença intellectual? Respondo, que não, se não q̄ se contentem com aquella formação imperfeita, & exercitem, em quanto seu mestre espiritual lhe não ordenar o contrario; porq̄ dado caso; que sua memoria lhe não forme as imagens perfeitamente, cõ tudo aquelle

le modo imperfeito he bastante, pera q̄ formem, & fação boa oração, pera o que não he necessaria, nem muitas vezes conveniente à perfeita formação das imagens. Quanto mais o caminho seguro não està em subir com tanta preguiças cousas intellectuais, sem passar primeiro, pellas imaginarias, das quatro ultimas, & da humanidade de Christo Senhor nosso.

25 Duvida 10. Que remedio terá pera meditar a paixão de Christo Senhor nosso, ou em outras cousas imaginaveis, em particular as quatro derradeiras, q̄ são os quatro novissimos do homem, a brevidade da vida, ao aperto da conta, a rectidão do Juiz, &c. Aquelles pois, q̄ não podem formar imagem algúa, & se acaso a formão logo são turbados com outras imagens impertinentes, q̄ o demonio lhe traz naquelle ponto à imaginação? Respondo q̄ se hão de contentar com aquellas breves figurações, & applicarem se a discorrer sobre ellas, & esforçarem se a não fazer caso das im-



7  
pertinentes imagens, que naquella oca-  
sião lhe concorrem; & desta sorte ale-  
gremse no Senhor q̄ sua oração he me-  
ritoria; & não se ha de deixar a confide-  
ração da vida, & paixão de Christo Se-  
nhor nosso pella inconstancia da imagi-  
nação, ou representações molestas. Co-  
mo aquelle q̄ anoitecendolhe está con-  
versando com algum amigo, & suposto  
lhe não divisa as feições, nem por isso  
deixa a pratica, do que gosta: satisfazen-  
do seu amor com o ter presente, & sa-  
ber, que o ouve, & lhe responde àquillo,  
que lhe convem ao negocio, q̄ com elle  
está tratando.

26 Duvida II. Se os que facilmente  
em sua imaginação formão de qualquer  
maneira imagens, & lhes parecem q̄ as  
vêm, & se hão de uzar daquella tão per-  
feita formação? Respondo que não, an-  
tes hão de concertar, & aplacar aquella  
viva cidade, & vehemencia da imagina-  
ção, & não deterse a formar figura (po-  
nhamos exemplo) a philosophia do  
rosto de Christo Senhor nosso; & ou-  
tras

tras particulares miudezas, se não contentese com hum modo imperfeito, & attenda aos actos, & partes da oração. Porque de outra sorte aquella perfeição de imaginações lhes farião damno, & algũa vez virião a crer, & ter por sem duvida, que havião tido algũas visoões, ou revelaçoões, aquillo, que meramente hão sido só imaginaçoões, & illusoões diabolicas, que o demonio custuma fazer muitas vezes pera zôbar de semelhantes fogeitos.

27 Duvida 12. Se as imagens, estando na oração, se hão de formar junto, ou dentro de si, longe, ou remota? Respondendo, que olhando a imagem em si, he melhor figuralas pegado aissi, ou dentro de si mesmo: porque ajuda mais ao recolhimento interior; mas alguns sentem nesta materia difficuldade, & a experiencia mostra, que de outras maneiras, se tem a oração com mais sossego, formando a imagem mais longe de si, & conforme esta rezão faça cada hum experiencia, & veja a maneira, em q̃ mais

*Escola de Oração.*

fossogado está , dando primeiro conta a seu mestre espiritual, seguindo em tudo, o que lhe ordenar.

28 Duvida 13. Se he bem algúas vezes reparar com attenção na imagem, q̄ tem formado , v. g. de Christo Senhor nosso, sem discorrer? Respondo , que em algúas occasião ferà acerto fazelo assi; como quando a vontade está já inflammada no amor desse Senhor desorte , q̄ seja hum resguardo, ou vista sincera, humilde, & affectuosa; o que custuma muitas vezes a ajudar a mais despertar o affecto. Mas advirtase, que não convem, àquelles que tem a imaginativa tão perfeita, como havemos dito assima, em se porem com farça , & affecto a ver com seus olhos aquella imagem, & menos convem reparar vivamente na boca , olhos, & mais partes, &c. mas contentem se com aquella presença indistincta do Senhor, como assima fica dito no exemplo da noite. Tambem se advirta, em o que fica dito, que quando a vontade está inflammada pella imagem, convem



vem algũa vez parar, & ver a Christo  
nosso Senhor, o que se ha de entender,  
suspendendo o discurso, & frequencia  
dos actos affectuosos, mas não embo-  
bandose, (que he ficar, sem nenhũ dis-  
curso, adormecido.) De maneira, que  
queira suspenderse de tal sorte, que não  
possa advertir na presença do Senhor,  
em cuja presença está, & isto he erro, &  
ferà grande imprudencia, porq̃ as sus-  
pensoes em a oração não succedem por  
diligencias nossas, se não pella divina  
graça, & quando sua Divina Magestade  
as quer conceder.

*Da Monção dos Affectos.*

29 **D**Vvida 14. Se quando a al-  
ma, se sente mover mais effi-  
cazmente, de outros pontos,  
ou considerações fóra da materia, com  
que se havia preparado, & fóra do dis-  
curso, que faz na oração, se se ha de de-  
ixar levar desses affectos? Respondo, q̃  
si; porque são pontos pios, & uteis (que

*Escola de Oração.*

isto se ha de presupor ) porque aquelle monção, he final, que o Senhor quer dar pasto a alma, em outra cousa mais importante, que a em que ella meditava. Porem se isto fosse muitas vezes, & a alma conhecesse, que passado aquelle fervor, do movimento, que sente, não lhe fica outro bem, ou que o ganho he pouco, que dalli tira; não se deixe levar facilmente, porque perderá o discurso, que na oração hia seguindo, que ajuda muito pera illustrar o entendimento, & convencer, & mover a vontade cõ mais firmeza, & he como pão de cada dia a oração, que sustenta a alma. E o q̄ sentir em li estas cousas communiqueas com seu mestre espiritual, pera que acerte a estrada por onde caminha.

30 Duvida 15. Que ha de fazer húa alma quando a meditação lhe não move a vontade? Respondo, q̄ se essa vontade se lhe não move ao principio, persevere hum pouco, pedindo ao Senhor o favoreça naquella sequidão, pera tirar o affecto, que deseja, mas se passa v.g. da  
meya

meya ora acustumada da oraçaõ, deixe a meditaçaõ, em que acha a secura, & tome outro qualquer ponto, ou cõsideraçã, àquella, a que sua alma mais se inclina com esperança, de que lhe mova a vontade, ou inclinese a fazer as ultimas partes da oraçaõ, que são acçaõ de graças, offerecimento, & petiçaõ, ainda q̃ sejaõ feitas estas partes sem devoçaõ sensível. Porque aquelles são verdadeiros actos de virtudes, & são o fim, & fruto da oraçaõ, & moverse a vôtade em modo sensível não he necessario, & muitas vezes não he conveniente. Esta doutrina serve pera quando hũa alma na oraçaõ he combatida de tentações, & não pode formar discursos. E hase de haver a tal creatura como quando a meditaçaõ não move a vontade, nem tira affectos. Advirtase, que em este nome (affecto) nesta materia, que himos tratando são significados, quaequer actos da vontade, que se produzem com o movimento affectuoso, ou affervorado della. Significase tambem qualquer acto do

apetite



*Escola de Oração.*

apetite sensitivo, que por outro nome  
chamão paixão; porque se produz com  
algun movimento, ou mudança do cor-  
po. A oração he a officina dos affectos  
da vontade, os quais custumaõ nascer  
fós, ou em companhia daquelles, que o  
apetite sensitivo produz; donde se se-  
gue, que quando húa alma ora com se-  
quidaõ, & nessa secura, se esforça a fazer  
actos bons, & propositos com a vanta-  
de, fallando propriamente; isto não he  
tirar affectos ainda que he verdade, que  
faz actos bons, & de muito merecimen-  
to.

310 Duvida 16. Que farà húa alma,  
quando subitamente a meditação lhe  
move o affecto, suposto com brevidade  
torna a ficar como de antes? Respon-  
do, que torne logo à meditação húa, &  
muitas vezes, soprando ao fogo amoro-  
so, pera que arça no divido; & neste ca-  
so he muito côveniente mesturar aquel-  
las meditações breves, com as ultimas  
partes affectivas, que he o mesmo, que  
esperar o fervor, & fogo, levantando a  
chama,

chama, & labareda, & apagandose esta, tornar ao mesmo sopro. Mas advirtase, que ha pessoas, que com pouca meditação movê o affecto, o qual pode nascer das meditações passadas, com cujo exercicio ficou a vontade branda, & facil, pera se mover à amar a Deos, o que he prova da virtude. Em outras pessoas podem proceder de hum natural compassivo, & costuma ser argumento de fraqueza, de compaixão, & pouca fortaleza de animo; os primeiros fazem bem em meditar pouco: mas estes segundos farão mal, se não continuarem, fazendo força assi mesmos, pera meditareem em o principio de sua conversão, quando começaõ a darse de todo a Deos pella santa oraçaõ, & meditação: a rezaõ disto he, porq̃ como se movê brevemente, & se occupaõ em suspiros, & lagrimas de pouco proveito, & não daõ lugar à consideração dos pontos de virtude: O que não he assi em aquelles, que despois de haverem dado tempo, & lugar à consideração, alcançarem facilidade, pera mover

*Escola de Oração.*

mover o affecto : Em este particular se ha de atentar muito, porque assi importa, pera o trato familiar com Deos nosso Senhor.

32 Duvida 17. Como se haverá hũa alma, quando com a força da meditação, se lhe inflamma muito o affecto? Respondo, q̃ se ha de temperar o movimento sensível, (principalmente nos que começaõ;) Porque este modo he danoso à cabeça, & peito, & nenhũ proveito traz espiritual, antes he impedimento ao conhecimento das virtudes, & dos vicios, & à imitação dos Santos, as quais cousas necessitão do entendimento, & não fomenta do affecto.

33 Duvida 18. Quando o affecto se não move pouco, nem muito com a materia preparada, nem com a lição do Oretorio, que fará esta alma? Respondo, que pode, & deve tomar outro qualquer ponto, que sempre deve ser aquelle, que mais o move a amar, & servir a Deos. Como se o ponto fora v. g. da morte, & nem ainda assi, se pode affei-

*Leia-se o  
numero  
14.*



çoar às partes, & exercicio das affectivas, que são o fruto da oração, & se vir, q̄ se move mais com meditar em Christo Senhor nosso crucificado, ainda que não seja na festa feira (dia dedicado a esta meditação) receberà sua alma proveito nesta meditação. E o mesmo se pode fazer quando (dado caso, que se haja preparado materia) ao principio da oração se offerece outro ponto, ao qual sua vontade mais se inclina.

34 Duvida 19. Serà acerto quando a vontade està movida a algum bom affecto com a meditação, & ao que està orando lhe parece, que abraçarà mais seu affecto com a meditação, discorrendo mais sobre aquelle ponto, em que se acha mais inclinado a discorrer? Respondo, que não, se a monção do espirito he competente, porque suposto, que achou passo sufficiente a sua alma, que he o fim da meditação, não he acerto deixar o certo pello duvidoso, & o fim pellos meyo, se não attender aos actos das partes affectivas, & ultimas da oração.

*Escola de Oração.*

ção. Proveitosa, & boa he esta reposta, & não ha que fazer escrupulo, se algũa vez a alma, ainda que esteja já movida da vontade passa adiante com o discurso, pera mais se inflamar: porque poderá ser lhe succeda bem, & se vir, que lhe não succede como imagina servir-lheha de aviso, pera viver acautelado.

35 Duvida 20. De que se ha de uzar, quando o affecto se move a amar, & conhecer a Deos, sem inclinar se a algum objecto particular de seu serviço? Respondo, que o que ora, ha de fazer particulares actos, & prepositos de obrar aquellas cousas, em que sente mais difficuldade, & diversos actos de virtudes, v.g. de Esperança, de Amor; de sorte, q̄ aquelle affecto, que no Senhor sua alma sente, de tal maneira seja paciente nelle, q̄ ponha todo o seu cuidado em fazer cousas grandes em o serviço de sua Divina Magestade em aquellas occasiões q̄ pello amor do mesmo Senhor se lhe offerecem.

36 Duvida 21. Se aquelle que quer medi-

meditar dous, ou tres pótos, & não sente particular monção na vontade, quando vai discorrendo pellos pontos, se ha de esperar, pera tirar o affecto até o fim do discurso, que faz sobre os tres pontos, ou se ha de procurar tiralo de cada hum dos pontos em particular? Respondo, que ha de hir discorrendo até certo lemite, como até a meya ora da oraçãõ, pouco mais, ou menos, provando a ver, se algum daquelles pontos o move. E se entam se nam move a vontade, valhase das ultimas partes affectivas da oraçam, que são a aççãõ de graças, offerecimento, & petiçãõ, ainda q̃ em sua alma sinta securas: porq̃ aquellas partes são actos de virtudes, pera os quais nam he necessaria aquella monçãõ fervorosa, que se espera: como assi-  
ma na duvida 15. fica dito. Mas se antes da meya ora o affecto se desperta, ainda que seja discorrendo sobre o primeiro ponto, melhor he deixar o discurso, & inclinar se ao affecto. Advirtase nesta duvida hum hum erro, que pode



*Escola de Oração.*

haver, pera os principiantes, que muitas vezes imaginam, que he necessario tirar com violencia o affecto, apertando a alma, que tenha affecto como se foram uvas na impressa. Nam ha rezam pera este excessõ, se não procurar o difficor, & recolher a alma suavemente em paz interior, pera que se mova, & abstenhase, o que assi ora, de fazer força pera tirar affectos, porque a vontade, se move com rezoões, & não cõ forças, nem violencias corporaes.

37 Duvida 22. De que uzará aquelle aquem a vontade se move pera algum bom affecto, ou desejo de alcançar virtudes? Respondo, que ha de fazer muitos prepositos de trabalhar por alcançala, imaginandose algúas occasioões, que provavelmente succedem, & determinandose de vencer aquella difficuldade varonilmente. Tambem ha de pedir cõ instancia a Deos nosso Senhor que o ajude, & nestes actos pode deterse, & dilatarse.

38 Duvida 23. Se convem em o diffcurso

curso da meditação de Christo Senhor  
nosso deterse em qualquer ponto : don-  
de se possa tirar algum bom affecto em  
particular? Respondo, que em qualquer  
ponto donde nasce algum bom affecto,  
conveniente he toda a demora: mas não  
he conveniente apertar o espirito for-  
çosamente pera tirar affecto violento,  
se não caminhar, seguindo a meditação  
pera dous fins: hum he pera alumiar seu  
entendimento, outro pera inflamar  
seu affecto; quanto a querer tirar affec-  
to particular, bem he hir algũas vezes  
com essa attenção como, digamos, quan-  
do se ha de meditar sobre os peccados  
passados, & hir com advertencia de ti-  
rar affecto de contrição, quando se haõ  
de meditar os oprobrios, & afrontas, q̃  
Christo Senhor nosso passou em sua sa-  
grada paixão por amor de nõs, ou por  
õs olhos em tirar affectos de humilda-  
de. Mas se depois nascem outros bons  
affectos, bem he servirse delles, cõ pre-  
posito de obrar bẽ em geral, & no mes-  
mo ponto particular, ocorre de contri-

ção, & humildade.

39 Duvida 24. Aquelle que medita algum mysterio da payxaõ de Christo Senhor nosso; como da lançada, q̄ deraõ ao Senhor, pergunta, como ha de tirar affectos de humildade, & modestia, particularmête em algũas materias, as quais não parecem, que offerecem motivos daquellas virtudes, que ha escolhido, pera alcançalas, & se na oração se andaõ buscando estes motivos, causaõ distrahimento? Respondo, que não convem, nem he rezaõ fazer aquellas diligencias pera achar aquelles proprios motivos, porque se perde o tempo muitas vezes sem proveito, & se nos passar da payxaõ de Christo Senhor nosso, ou de outro qualquer objecto donde a alma facilmente não pode achar aquelles motivos proprios, sirvase dos commũs; (ponhamos por exemplo) quer hũa alma tirar a virtude da modestia, & a meditação he da lançada: já se sabe que aquelle mysterio da lançada foy ordenado por Christo Senhor nosso, com os



de mais mysterios seus, a fim de nossa sanctificação, pera aqual he necessario meditar, quanto nos convem seguir a este Senhor sendo modestos, humildes, &c. Mas aquelle, que facilmente não achar rezoés particulares, sirvase das commuas, & medite aquelle fim, q̄ teve Christo Senhor nosso, em o qual fim se inclue a modestia, & outra qualquer virtude, fazendo a este exemplo actos de modestia, & humildade por satisfazer ao intento, que teve Christo Senhor nosso; pedindolhe affectuosamente esta, & outras virtudes.

40 Duvida 25. Se pera pessoas affligidas, & atribuladas, he a oração mais proveitosa, começando a meditar, recolherem se logo em o chagado coração de Christo, & alli considerar sua immensa piedade, ou em algum mysterio, daquelles mais compassivos, & lastimosos, pera que a intima dor destas penas, lhe dê forças pera imitalas? Respondo, que se não pode dar regra mais certa, que a experiencia, de maneira, que só ella a

*Escola de Oração.*

pode aprovar, ou escuzar, & aquelle mysterio será a cada qual mais proveitoso, donde acha mais luz, & mais verdadeiro affecto de imitar a Christo Senhor nosso. Advirtaõse, que se haõ de evitar certas maneiras de orar, q̃ alguns indecentemente uzão na consideração das chagas do Senhor, imaginando, que entraõ dẽtro dellas com certos modos, & actos de demasiada familiaridade; porque a devoção ha de hir sempre acompanhada de reverencia.

41 Duvida 26. Se quando se não acha gosto em outros objectos, mais que em hum, v. g. em cuidar na gloria, se he acerto deixar os outros, & a meditar naquelles? Respondo, que ha de haver formal experiencia, & se claramẽte vir, que aquelle objecto o anima a ganancia das virtudes, a mortificação das paixões, & convem pera humilhar-se, &c. como a algũas pessoas muitas vezes ha succedido, & neste caso, regularmente fallando, ha de attender aquelle, & não deixar os outros de todo, se não exerci-  
tala

tala de quando em quando, pera adquirir noticia das cousas espirituaes ; exercitandoas com todo o fervor , que acha em aquelle ponto , que mais o accende no amor deste Senhor.

42 Duvida 27. Se aquelle, que medita em as penas do inferno poderà hir alternadamente meditando em a gloria, ou outra cousa semelhante? Respondo , que si ; quando aquella mistura, & união das duas meditações, se dirigir a mover a vontade, como verdadeiramente pode, & custuma servir passando a meditação do horror das penas do inferno às celestiaes consolações da gloria, com cuja contraposição, se considerão bem as eternas penas, & o mesmo digo em outros casos como , quando se considera a baixeza, & miseria propria. Aqui se pode entremeter , & tem lugar a consideração da grandeza , Magestade, & Bondade deste Senhor.

43 Duvida 28. Se aquelle modo de oração q̄ alguns Padres ensinaõ de meditar simplesmente, em como húa alma



85  
*Escola de Oração.*

poderà melhor servir a Deos, & observar seus santos mandamentos, & exercitar com perfeição seu officio satisfazendo às obrigações de seu estado, se he boa pera toda a sorte de pessoas? Respondo, que he conveniente a qualquer pessoa destas pòr todo o seu cuidado em estes quatro pontos, & aquelles, que se sentem movidos em a oração, fação actos, & propositos de attenderem, & de exercitarem os ditos quatro pontos, & pedir a Deos nosso Senhor graça pera assim os exercitarem. Mas esta doutrina não he bastante pera sufficientemente instruir hũa pessoa a caminhar com perfeição neste santo exercicio, mas ha sempre de decer aos pòtos particulares; & não se ensina a fazer oração quanto à forma, se não quanto à materia, de sorte, que he necessario darlhes hum modo, & arte das partes da oração, & ensinarlhes a materia della por sua ordem, começando, regularmente fallando, das quatro ultimas partes da oração, ou pontos, (que são Meditação,  
Acção

Acção de graças, Offerecimento, & Peticão,) ou da vida, & paixão de Christo Senhor nosso. E suposta esta doutrina he bem, que todos se apliquem aos quatro pontos sobreditos, como real, & verdadeiramente fazem todos, os q̄ de veras se occupão em este santo exercicio da oração: pois que de tal maneira attendem às cousas de superrogação, que o cuidado principal, he das cousas de obrigação, às quais pertencem os tres pontos, dos quatro postos em esta duvida.

44 Duvida 29. Pera hũa pessoa, que está já acustumada em meditar nos beneficios divinos, & claramente conhece, que tudo quanto ha feito, faz, fez, ou pode fazer, he nada pera satisfazer por aquelles beneficios, em que tem meditado, & poderá meditar, se este tal pergunta, qual será melhor continuar a Meditação, pera chegar à contemplação, & tirar affectos do divino amor, ou exercitar-se em aquelle tempo, que havia de meditar, em diversos actos de virtudes,

### *Escola de Oração.*

des, como de agradecimento, & de charidade: pedindo merces pera si, & pera outros, & offerecerse ao serviço do Senhor, &c. Respondo, que em caso, que a tal pessoa tenha em uzo, q̃ pellas meditações, ou considerações passadas, fica o entendimento tão illustrado, q̃ em pondose em oração, conhece que logo sua vôtade se move a amar este Senhor: moderadamente pode gastar o tempo deputado pera a oração, em fazer aquelles actos: pois que com os trabalhos das meditações passadas ha chegado ao fim, & fruito da Meditação, que são os ditos actos. Mas com tudo isso, ha de uzar das Meditações seguidas muitas vezes, não tanto pera mover o affecto, quanto pera mais pôderar, meditando os pontos, que os conduzem à virtude, como ( digamos ) em a vida de Christo Senhor nosso, meditando suas penas, & dores com que nos redemio.

45 Duvida 30. Aquella alma, que ao principio se sente levar de algum affecto differente daquelle que ha lido em a medita-



meditação, sem algum discurso que lhe dura pouco, ha de tornar a lembrarse daquelle pouco affecto, ou tomar a materia que ha lido? Respondo, q̄ se isto lhe succede poucas vezes, bem poderá aproveitarse daquelle affecto, & attender a exercitar com elle, as affectivas partes, & ultimas da oração, em quanto dura o affecto, & isto he pera tomar experiencia do bem, q̄ traz consigo aquelle affecto, o qual algúas vezes poderá servir de continuada oração, quando, lembrandose do affecto, se afervorisa em o amor, mas succede muitas vezes o contrario, & se vê, que aquelle affecto se acaba logo, & que não deixa outro fruto na alma: então ha de meditar sobre a materia, que leo, ou sobre aquelle ponto, ou materia, que trazia preparada; porque doutra sorte priva ao entendimento daquelle illustração, q̄ da meditação procede, a qual quanto mais he perfeita, mais luz communica ao entendimento, & faz em a vôtade impressão mais perfeita; & quando este affecto

succe-

*Escola de Oração.*

sucedesse muitas vezes, se deve cõmunicar com o Padre espiritual; porq̃ podem ser taes as circumstancias, que será necessario gastar mais, ou menos tempo em semelhantes affectos.

46. Davida 31. Se no discurso da meditação fóra daquellas materias donde se considerão circumstancias, poderá a alma buscar outros discursos, & palavras, pera mover melhor a vontade cõ os pontos preparados, ou somente repetir, & tornar a tomar aquellas palavras sós dos mesmos pontos, atè que o affecto se lhe mova? Respondo que não he necessario ata rse à alma aquellas palavras, senão a judarse dellas, & de outro qualquer pensamento, q̃ lhe possa mover o affecto acerca dos pontos preparados.

47. Davida 32. Se he necessario pera tirar bons affectos da oração, uzar daquella arte de considerar as circumstancias pella ordem q̃ alguns ensinão; porq̃ antes parece que este cuidado causa sequidaõ, ou somente continuar com simplicidade.

plicidade: & se he necessario considera-las todas; porque algũas vczes abraza hũa só, & acende o coração, & o q̄ quer passar a diante a cõsiderar as outras perde aquelle bom affecto? Respõdo acerca da consideração das circunstancias, não he necessario ordem entre ellas, se não, que se pode tomar primeiro esta, ou outra differente, como quizer, cu se lhe offerecerm a alma, ou se accommodarem melhor: Tambem não he necessario consideralas todas, se não aquella, ou aquellas, que o affecto mostrar, que bastão pera inflamar o coração.

48 Duvida 33. Que modo haverá mais proveitoso (pera meditar a paixão do Senhor,) & suave pera aquellas pessoas que não podem considerar; nem meditar todas as circunstancias, nem tirar affectos della à força de rezoões, se não com difficuldade, & fadiga do corpo, & da alma? Respondo, que será modo acertado representar a Christo nosso Senhor em os passos de sua santissima paixão sem fazer ceremonias, nem  
forças



*Escola de Oração.*

forças com gestos de cabeça, peito, ou visagens, se não com singeleza, & quietação, querendo só estar alli fazendo companhia a sua Divina Magestade, assistindo com reverencia, & agradecimêto do que padeceo por nós outros, fazendo muitos actos de adoração, de amor, & agradecimêto, pedindo ao mesmo Senhor lhe imprima na alma, & coração aquellas suas dores assi em elle, como nas mais creaturas, pera que todos padeçamos com amor, & charidade unidos em acto amoroso, & de quando em quando lembrarse suavemente da Magestade daquella Divina Pessoa, & de nossos peccados, pellos quaes padeceo com tanta vontade, & amor, concluindo a oração com firmísimos propositos de padecer por este Senhor tudo o que elle lhe ordenar. Em este modo de oração tambem se une a meditação com as partes affectivas de tal maneira q̄ não molesta, antes he mui proveitosa ainda que a alma não sinta a devoção que queria sentir.

49 Duvida 34. Como se hão de dilatar, & exercitar mais os affectos em a oração? Respõdo, quanto a ampliação, ou dilação dos affectos, não convem fazer estudo artificiosamente, se não recebemos como o Senhor os communica, & fomentalos mais com singeleza, & abundancia da vontade, que com rhetorica de palavras: fazendo muitos actos de virtudes, & propositos firmes de viver perfeitamente, em quanto dura o affecto conforme o Senhor o inspira.

50 Duvida 35. Que modo he melhor pera conservar os bons affectos, & pôr em execução os santos propositos, que fez na oração? Respondo, que o modo melhor he repetilo muitas vezes entre dia, & exercitalos, & confirmalos com a ordinaria presença de Deos nosso Senhor, que naquelle dia teve, ou com outra qualquer maneira de levantar o coração a Deos no modo, em que a alma se sente mais facil, & prompta pera servir, & amar ao mesmo Senhor. Tambem serve pera esta conservação entrar ad-  
vertido,

*Escola de Oração.*

vertido, & não devertir a alma com olhar, & fallar incautaméte. Pera pòr em execução os prepositos, se são da ordinaria observancia, & de actos de virtudes, ou mortificação das paixões, q̄ pertencem ao modo ordinario de caminhar à perfeição, que uzaõ as almas virtuosas, não he necessario, se não cooperar com a graça do Senhor, & esforçar-se a vencer as difficuldades, & valer-se das occasiões com aquelle amor, & divino fogo, q̄ recebèraõ em a oração, procurando diligentemente guardar fidelidade a Christo Senhor nosso, & se os prepositos forem de cousas extraordinarias he necessario communicalos ao Superior, ou Padre espiritual, pera que disponha o modo que ha de haver pera satisfazelos, se lhe parecer cõveniente, desorte que a vòntade, quanto he da sua parte esteja prompta, & aparelhada pera os executar.

51 Duvida 36. Que farà hũa pessoa, que por andar mendigando os actos de virtudes, que faz em oração, por esta  
causa



causa se acha destraida, & com pouco fruto? Respondo que na vida Religiofa, & reformada com facilidade sabe cada hum de si mesmo, & de que virtude tem mais necessidade com as provas q̄ se lhe offerecem, & com o cuidado de feu aproveitamento: & assi não ha pera que estar mendigando com vagação do entendimento, diferentes actos de virtudes, quando por esta causa sente destrahimento, se não que se deve aplicar àquellas virtudes, de que se ve mais necessitado, & dellas faça actos, ou com devoção, ou sem ella, q̄ desta sorte não andarà vagueando, & farà verdadeiros actos de virtudes com menos destrahimentos; & quando se achar com devoção, faça aquelles actos, a que mais inclinado se sente, com o affecto que predomina ao acto que o destrah, & dos q̄ (como fica dito) sabe estar mais necessitado, & desta sorte se não destrah em adquirir outros, porque a ancia de buscalos não esfrie os affectos; Poderà tambe fazer outros actos de virtudes quan-

Edo

*Escola de Oração.*

do por fazelos se não ache distrahido.

52 Duvida 37. Que ha de fazer hũa alma, que por a pouca força que recebe a vontade, não se determina de fazer prepositos, de obrar as virtudes, crendo que não as ha de guardar? Respondo, q̄ deponha logo aquella erronea consciência, & faça aquelles actos: pois sabe, que com a graça de Deos poderá satisfazelos, estando certo, q̄ o Senhor lhos não ha de negar, quando essa alma quer cooperar nos divinos auxilios: assi q̄ nossa fragilidade humana não he impedimento, porque os actos de virtudes se fazem com as forças divinas, & não cõ as nossas. E lembrese cada hum de nós de sua vida passada, de cujos vicios com a divina graça alcançou victoria, quando parecia impossivel o vencelos; Pois com este exemplo, porque não ha de esperar com o favor do Senhor vencer as menores dificuldades, quando com esse soberano favor venceo as maiores.

53 Duvida 38. Se he conveniente notar os sentimentos, & movimentos

da

da vontade que succedem em a oração? Respondo que si , pera dar conta delles ao confessor , & mestre espiritual , sem fazer juizo determinado do que são, em quanto a obediencia o não julga. Nesta parte haõ de ser fidelissimas as pessoas dadas à oração sem já mais fiarse de seu proprio parecer. Advirtase , que quando a vontade se move eficazmente com algũas rezoões importantes, he conveniente repetir alguns dias as mesmas rezoões, & meditar os mesmos pontos com conselho de mestre, ou confessor.

54. Duvida 39. Que materia se ha de meditar regularmente? Respondo que ordinariamente se ha de começar a meditar das quatro ultimas, ou da vida , & paixão de Christo Senhor nosso, ou destas duas materias em o mesmo principio: mas em differentes oras, & depois se ha de subir aos mysterios da divindade. Mas porque ha muitas, & varias circunstancias entre as pessoas que trataõ da oração , cada hum se aconselhe com seu mestre espiritual pera não errar em



*Escola de Oração.*

a eleição, & escolha da materia em particular.

55 Duvida 40. Como se ha de haver hũa alma, quando as meditações q̄ ordinariamente se lem antes da oração, por serem sempre as mesmas, causaõ defabor, & por conseguinte pouco fruito? Respondo q̄ se pode tomar outra materia pera meditar, mas advertindo que nunca tenha lugar o fastio, & pera fugir a esta occasião acõselhese com o mestre: & sempre he cousa mui conveniẽte pera que os principiantes aproveitem, ler meditações acomodadas, pera os afferorar no espirito aconselhandohe as repitão muitas vezes pera melhor penetralas, fazendo solido fundamento, sobre que assente a fabrica espiritual.

56 Duvida 41. Se se ha de meditar fallando sempre em segũda pessoa com Deos nosso Senhor? Respondo, que este modo não he necessario; ainda que algũas vezes seja conveniente. O conselho acertado serà, q̄ cada hum faça experiencia, & eleja o modo que mais lhe

suavisa o affecto. Algũas vezes se moverà mais, fallando com o Senhor : outras vezes fallando alma consigo mesmo: outras vezes ponderando o ponto, q̃ medita sem fallar com o Senhor, ou consigo mesmo.

57 Duvida 42. Se he perfeita a oração quando na alma ha abundancia de conceitos, & larga meditação? Respondo q̃ commummente he oração de pouca importancia: porque se acha em ella muitas rezoês contra o cõselho de Christo Senhor nosso, & não se dà tempo às ultimas partes da oração que são as melhores, que são acção de graças, offercimento, & petição. A oração perfeita tem poucas palavras, & muitos desejos de Deos. Com tudo isso, então serà boa a oração, quando a meditação de tal maneira he dilatada, que nessa dilacão haja união de affectos, que como faiscas saltão da força das rezoês, com as quaes o entendimento move a vontade.

58 Duvida 43. Se se podem em a meditação rezar algũas oraçoês vocaes, q̃

*Escola de Oração.*

sejão a preposito, & convenientes? Respondo, que si quando essa oração seja só em o que reza, porque essas orações vocaes lhe despertão o affecto: o q̄ não fará estando em communidade, ou oratorio de concurso, excepto quando o movimento da boca seja tão baixo que ninguem o possa ouvir, & quando o que ora conhecece, que aquella pronunciação de palavras lhe ajuda a mover o affecto. Advirtase, que muitas pessoas espirituas orão vocal, & mentalmente tudo junto, quando se achão em lugares solitarios levantão a vòz de que tirão muito aproveitamento pera suas almas.

*Das securas espirituas.*

59 **D**Vvida 44. Que ha de fazer hũa alma, q̄ ao principio da oração se vê atribulada em recolherse? Respondo, que se humilhe, & peça ao Senhor se sirva darlhe graça, pera estar em aquelle lugar, conforme a sua santissima vontade for mais agradavel;



vel; & juntamente se valha de algũ movimento devoto, que a seu parecer lhe possa causar interior recolhimento; ora seja o Padre nosso, ora hum verso de hũ Pŕsalmo, ora trazendo à memoria algũa imagem de Christo Senhor nõsso; ou da Virgem Senhora nõsã, & dos Santos, ou de mortos, & geralmente fallando de qualquer outro motivo que lhe sirva pera o recolhimento interior, uzando com destreza, & suavidade destas coufas de maneira, que a alma se aplique a algum objecto dos sobreditos, & quando menos nõ de lugar aos destrahimentos, pera que o nõ impida a meditar em a materia que traz preparada.

60 Duvida 45. Que ha de fazer em a oraçõ hũa alma, que sente intoleravel trabalho em dizer a nõsso Senhor hũa palavra em começando a orar, começõ logo as tentaçõs do odio, de impiedade, blasfemia, desconfiança, desesperaçõ, & outras semelhantes tentaçõs, q̃ naquelle tempo perfidamente o combate; & juntamente as tentaçõs escru-

*Escola de Oração.*

pulosas, & outras taes, que não deixão a pobre alma chegar-se a seu Deos? Respondo quanto ao primeiro, que diga esta alma a seu Senhor, Meu Deos por teu amor quero sofrer estas tentações no melhor modo, & maneira que me seja possível, & até agradável. Quanto ao segundo, diga, Senhor Iesu, & todo o meu bem, façamos hum concerto, a minha tenção he que estes movimentos de odio, blasfemea, &c. quero que tenham o sentido ao contrario, & que padecendoos sejam outros tantos offercimentos, & sacrificios espirituaes, que nesta ora faço de mim mesmo. Quanto ao terceiro, que ainda que seja com grande pena sua, de quando em quando, diga algúas palavras, vocaes, se estiver só, mentaes se estiver acompanhado. Digo palavras de louvor, & gloria a Deos nosso Senhor. O quarto que faça algúas adorações, espiritual, ou corporalmente, cóforme os lugares, & companhia aonde se achar. O quinto, que estes actos sofridos com paciencia, & resignação

saõ

saõ excellente, & perfeitissima oração  
pera almas tão gravemente alictas, &  
desconsoladas.

61 Duvida 46. Que remedio pera  
pessoas, que na oração padecem tenta-  
ções pouco honestas, & muitas vezes  
nascidas da mesma oração? Respondo,  
que não devem afligirse, os q̄ semelhan-  
tes tentações padecem, quando vivem  
casta, & virtuosamente, porque as taes  
tentações he diligencia diabolica, que  
custuma pòr as mesmas tentações, pera  
inquieta a alma, jũto aos objectos mais  
puros, & santos, como (ponhamos por  
exemplo) a humanidade de Christo Se-  
nhor nosso, & da sempre Virgem Se-  
nhora nossa, & muitas vezes se sentem  
deleitações, & movimentos tão desor-  
denados, de que procede algũa vez, cõ  
esta forte tentação (pella bondade do  
Senhor não consentida) chegar a effu-  
saõ de humor, o remedio desta pena he  
dar logo conta ao Padre espirital, &  
seguir o seu consello, & sossegar o espi-  
rito. As pessoas que padecem semelhan-



Escola de Oração.

*Alvirta se, q̄ esta palavra, regularmente X por q̄ ha casos, & circūstancias de peſſoas, em q̄ se pode uzar doutra maneira quã do se viſe, que a tal prohibição fosse danosa à peſſoa, q̄ he casta. Lease em esta materia o tratado da discipção dos espiritos num. 32.*

tes tentações se lhe ha de aconselhar, q̄ fação diligencia, se achão pasto pera sua alma, & bons affectos em outros objectos, & neste caso, X regularmente falando, (se os acharem) ferà conveniente absterse daquelles, em os quaes se seguião os ditos movimentos desordenados: mas quando por experiencia se mostra, que a alma não acha pasto, nem affecto, se não em aquelles objectos, em os quaes sente os ditos movimentos, he evidente sinal, que as inquietações assima ditas são refinadas tentações do cômmun inimigo, que as arma pera atribular aquellas virtuosas almas com aquella terrivel carneçeria interior, & neste caso se lhe deve aconselhar não fação caso daquelles movimentos, & immundices, & cô este não fazer caso mostrão desprezaõ ao demonio, que como espirito de soberba confusamente vencido, deixa a alma victoriosa.

62 Duvida 47. Se na oração que se faz fora da communidade, lhe parece ao Religioso, & homem de virtude, que não

não poderá meditar com proveito de sua alma, se será conveniente deixala logo, & occuparse em outro exercicio? Respondo que ha de fazer experiencia, & se despois vê, que de ordinario lhe succede esta froxidão como na pergunta se diz, valhase da lição dos livros detendose em aquelles pontos, que lhe fazem mais força, & amorosamente o movem, em quanto dura aquelle fogo, tornando à lição com pressa quando esse acto fervoroso falta, & assi terá oração unida com a lição.

63 Duvida 48. Que fará hũa pessoa quando sente fraqueza na cabeça? Respondo, que ore suavemente sem tanta applicação, como uza quando está sem molestia, desorte que se em discorrer, ou em não recolherse se sente molestada, & afflicta, satisfaca se com assistir humilhada diante de seu Senhor, fazendo alguns actos de differentes virtudes, & certifique se, que não ganha pouco de merecimento. Esta doutrina he bonissima pera aquellas almas, que natural,

*Escola de Oração.*

ou accidentalmente por enfermidades, ou trabalhos interiores, tentações, cansaço, ou outra qualquer causa não podem discorrer como desejaõ.

64. Duvida 49. Que ha de fazer hũa alma quando não acha causa que a mova nos affectos pios, & amorosos, antes rudo he sequidaõ ancias, & tribulações? Respondo q̄ a sequidaõ custuma proceder de diferentes causas, & segundo a diversidade dellas, ou dos remedios: custumaõ pois as causas reduzirse às seguintes. Primeira com as imperfeições da consciencia. Segunda com a multidão de negoços. Terceira com indisposição natural, habitual da imaginação inconstante. Quarta indisposição natural, accidental, ocasionada da revolução dos humores, ou do tempo, &c. Quinta tentações do demonio. Sexta disposição divina, que ordena estas sequidoes pera provar a seus servos, ainda que elles fação todas as diligencias, & vivão com grande pureza. Septima hum concurso geral das ditas causas, q̄  
algũas



algũas vezes, ainda que poucas, se vêm durar por largo tempo. Pera a primeira causa deste mal està prompto o remedio, porque sendo a causa as ditas imperfeições, que se cometem, olhando, fallando, & vivêdo com pouca mortificação, o remedio efficaz he absterse destas cousas. Pera que a segunda causa, que he multidaõ de negoceos, ainda q̃ se fejaõ impostos por obediência servirá o andar, & viver com aviso, tendo em o meyo dos negoceos cuidado de seu coraçãõ levantando muitas vezes a Deos pera que não se embarace com a execução dos negoceos, & não diftraya suas potencias, tratando de recolhelas quanto lhe for possivel, & em lugar da oração, & neste particular ponha todas suas forças, clamando ao Senhor cõ humildade, confiando lhe darã sua graça pera que medite em as cousas, q̃ mais forem agradaveis a sua divina vôtade, & quando não tenha outra oração mais do que esta, não ficará sem fruto o seu trabalho, & quando o Senhor lhe não conceda

da

*Escola de Oração.*

da esta merce, ( porque nem sempre lhe convem ) não se desconsolle , mas antes faça muitos actos de amor de Deos nascidos do intimo de sua alma, & orações jaculatorias , que sem meditação continuada, são de grandissimo fruito, como a experiencia tem mostrado em muitas pessoas, que quasi nunca podem discorrer pella meditação, passando toda a vida em aquelles actos de amor, & nestas jaculatorias. Pera a terceira causa, q he natural indisposição, imaginação actualmente inconstante, servirão a repetição dos actos, orações jaculatorias, como dissemos assima. Pera a quarta causa que he disposição natural accidental causada da revolução dos humores, ou do tempo, &c. o que não he culpavel, será proveitoso soffrer com paciencia a sequeidão, ajudandose com actos de virtudes, ainda que seja com impaciencia interior, & neste caso convem a toda a pressa dar conta ao confessor, & seguir puntualmente, o que a santa obediencia lhe ordena, & não forçar por então

as potencias, pera que a alma tenha oração tam forçosamente; antes occupar-se em algũa cousa, que pertença à vida activa, como he obrar de mãos, ou outra cousa semelhante, advertindo sempre de levantar ao Senhor seu coração em meyo das occupaões activas. Pera a quinta causa, que são tentações, & des-trahimentos, se ha de uzár toda a diligencia, & cuidado, que decentemente dê pasto a alma, como rezar o Padre nosso, ou repetir algum verso dos Psalmos, ou sentença do S. Evangelho occupando seu pensamento em esta diligencia o melhor que ser possa, & anime-se, q̃ nam ficará seu trabalho sem premio. Mas se nem ainda pode uzar esta regra como muitas almas sentem, por así o ordenar a Divina disposiçam (como affirma fica dito) chegam a hum termo de interior afflicção que parece irremediavel, porèm nam esmoreça esta alma entre àfflicçam, que à tormenta, porque se cuida que perde o fructo, antes o ganha, porque quando nam faça mais, q̃ estar

em



## *Escola de Oração.*

em o lugar da oração pelejando contra as tentações, & importunos pensamentos, nam os querendo admitir por gloria do Senhor, saiba de certo, que tem bonissima oração: & por ventura muito melhor, se nella suavemente fora do Senhor favorecida. Quando as tentações, & distracções molestissimas, & desamparo de Deos nosso Senhor chegam a este extremo, & a experiencia mostra, que os sobreditos remedios, ou outros semelhantes nam aliviam esta pena, convem com licença do confessor ler livros spirituaes, em aquellas oras deputadas pera a oração, applicando, as que lè, a attenção, que pode, fazendo pausa pouco a pouco donde a alma se sente mover no amor de seu Senhor, tornando à lição, quando o fervor se diminuir. Mas quando esta acção pera se obrar tenha algum impedimento, o remedio he ter paciencia, & esperanza firme em o Senhor, que quer provar aquella alma, & que junta com as de mais ore em communidade, porque a tribu-

atribuição, que a molesta se acabará, & se seguirá hũa grande paz, & abundancia espiritual pera aquella alma, & este mesmo modo consolativo, servirá pera aquelles, que se achão afligidos de muitas, ou das sobreditas cousas juntas, que foy o caso posto em o septimo lugar.

65 Dúvida 50. Quando hũa alma vê, que em hum mez, ou muitos mezes, & annos, que frequenta a oração não acha mais que securas, & desamparo de Deos nosso Senhor, esta tal ha de mudar o exercicio, & applicarse à vida activa? Respondo, q̄ não, se não q̄ perseverare, aproveitando se dos sobreditos remedios, & creya, q̄ aquelle modo de estar na oração com seguidões, he hum gratissimo sacrificio pera sua Divina Magestade, & pera aquella alma mui proveitoso, & a experiencia mostra, que estas pessoas desamparadas, despois de larga prova, & mortificação, as visita o Senhor, não só com lhe dar excellente oração, mas ainda as levanta a altissima contemplação. O Patriarca Ioseph vendo a seus

F

irmaos,

### *Escola de Oração.*

irmaõs, obrigados da fome de Egypto, a buscar trigo, ainda que no exterior se lhes mostrou aspero, & riguroso, provandoos de muitas maneiras, & dizendo-lhes, que eraõ espias; com tudo, tinha tanta lastima de seus trabalhos, que para dissimular o affecto, & encubrir as lagrimas, recolheose com pressa a seu aposento, & naõ podendo mais ter recluso o seu amor se lhes deu a conhecer, communicandolhes todas suas grandezas. Assim parece, em certo modo, que o costume uzar sua Divina Magestade com alguns de seus amigos, que os prova, & trata severamente, multiplicando nelles as afflicções, mas no fim enternecidas as entranhas de sua Divina Misericordia, & naõ podendo reprimir seu Divino amor se lhe descobre, & os recebe em os braços de sua Divina correspondencia, communicandolhe com abundancia suas divinas consolações.



*Dos gostos espirituaes.*

66 **D**Vvida 51. Que cousa he devoção? Respondo, devoção he hum acto da vontade, que ella mesma produz por hũ acto da virtude, que chamão religião, & este acto não he outra cousa, se não hum querer prompto, & determinado, pera as cousas do culto divino, o qual querer se pode achar, & descubrir sem devoção sensível, & ainda com repugnancia sensível da parte inferior, que he a nossa natureza. Advirtase que conforme os exemplos dos Santos se ha de conservar a devoção; ainda a sensível, & se ha de procurar, quando falta essa devoção sensível, com as diligencias que se ordenaõ, & dirigem a afeiçoar o coração às cousas do culto divino.

67 Duvida 52. Se se hão de desejar na oração gostos, & consolações? Respondo, que nam, se nam quando podem servir esses gostos pera mayor perfei-

*Escola de Oração.*

çam, o que se ha de deixar à Divina vó-  
tade, que sabe, quais consolações, & go-  
stos convem pera o aproveitamento da  
alma. Advirtate (fallando Theologica-  
mente) que os gostos de Deos se podem  
desejar, & pedir, pellos bons affectos q̄  
causão, de mayor humildade, luz de  
Deos, desprezo do mundo, & outros  
muitos bens que delles nascem: mas or-  
dinariamente aconselhaõ as pessoas es-  
pirituaes, que se nam pessam, nem dese-  
jem esses gostos; porque saõ muito pou-  
cas as almas tam puras, que em desejar,  
ou pedir esses gostos, ponham o desejo  
só em a gloria de Deos nosso Senhor, &  
em seu aproveitamento espiritual.

68 Duvida 53. Se sam de húa mesma  
maneira os gostos interiores d'alma?  
Respondo que nam, se nam mui diffe-  
rentes, conforme o Senhor os quer cõ-  
municar. Algúas vezes se sente húa fra-  
grancia de hum suavissimo cheiro, que  
conforta a alma, & o corpo. Outras ve-  
zes hum sabor, ainda na lingua corporal,  
que causa grande refrigerio, outras ve-

zes se sente hũa alegria na parte inferior, que he esta nossa humanidade, que sobrepoja a todas as alegrias do mûdo, com a qual alegria costumam os principiantes na virtude proromper em actos exteriores com jubilos, de tal sorte, que se nam pode encobrir, esta se custuma chamar inebriamento espiritual, & algũas vezes he tãõ grande este impeto q̃ faz deitar sangue pella boca, pella muita força interior; outras vezes custuma sobrevir hum contentamento espiritual tam grande, no discurso da meditaçam, com lagrimas, & suspiros do coraçam, q̃ parece quer pular fóra do corpo. Outras vezes sem trabalho de meditar parece, que nasce em o intimo d'alma hũa suavissima fonte de consolaçam, a qual com grande paz, & quietação se vai extendendo, & correndo todas as partes do homem, & esta especie parece melhor que as outras, que se sentem em a parte inferior, & he menos sospeitosa: Bem he verdade que ninguem se ha de fiar de si em estes gostos, & consolações



*Escola de Oração.*

espirituaes, se não ir sempre sobre avifo, & buscar conselho de pessoas doudas, & espirituaes. Alem destes gostos ha outras maneiras de consolações: Como he hnm modo de satisfação interior, que algúas vezes a alma sente, & não he propriamente gosto, ou deleite, se não húa satisfação, como fica dito, q lhe parece a alma, que está bem; & finalmente ha outros gostos mais levantados em a parte superior, que o Senhor communica de diferentes maneiras, & taó delicadíssimas, que se não podem explicar: & quanto são mais puramente pertencentes à parte intellectual se chegaõ mais ao seguro. Estes são proprios da contemplação, & da Theologia mystica. Quanto acerca destes gostos, advirtaõ os novos no exercicio de orar, que não o acertaõ aquelles, que se acustumão estar na oração gozando aquelles gostos, como meyo adormecidos, passando assi muito tempo. Estes taes se haõ de espertar, & applicarse à cõsideração da vida, payxão, & virtudes de

de Christo Senhor nosso, juntamente à mortificação das paixões, & procurar ganhar virtudes, & se se escusaó dizendo, que não podem discorrer, porq̃ logo o affecto se acende, & os gostos chegaó à pressa, fação força, que os não admittaó, & se não puderem discorrer ao menos fação muitos, & diferentes propositos, & actos de virtudes, advertindo, q̃ estão na presença de sua Divina Magestade; & lançando de si aquella abstracção, & adormecimento pouco proveitosa, ou por dizer melhor damnosa pera a alma, & pera o corpo, que fica quasi despedaçado. Advirtase em esta materia de gostos, que quando vem có muitas lagrimas, & suspiros háose de temperar com prudencia pera que não enfraqueção, & fação damno à natureza; & por tanto convem muitas vezes divertirse, ainda que não he contra esta doutrina dar licença às lagrimas em alguns casos particulares, como succedeo na conversam de Santo Agostinho, que todo em lagrimas se resolvia, & em ou-

*Escola de Oração.*

tros casos extraordinarios, como succede despois, que húa alma tem passado por húa grande sequidão, & quando as lagrimas vêm sem movimento corporal, & parecem como húa chuiva, que o Senhor manda quando menos se imaginação.

69 Duvida 54. Quais gostos são melhores, os que sam como espremidos com a força da meditação, ou os q vêm sem aquella força? Respondo, que os segundos sam melhores, & fertelizão melhor a alma, estes sam como chuiva, os primeiros sam como agoa, que por alcatruzes vai passando.

70 Duvida 55. Se quando se sentem gostos na oração se hão de desprezar, ou estimar? Respondo, que não se ham de desprezar, porq podem ser de Deos, nem se ham de estimar, porque podem ser do demonio. E suposto que sejam de Deos, nam sam ordinariamente sinais de mayor perfeiçam, antes o costumam ser de almas menos perfeitas, as quaes se o Senhor as nam consolar daquella



quella forte tornariam atraz em o espiritual caminho. Advirtase, que quando os gostos sam de almas aproveitadas, depois de muitos trabalhos, & provas do Senhor sam mais de estimar, porque he mais provavel que sam de Deos dados com os sinaes de aprovada virtude, & de alma, que ha passado pello fogo, & subida ao refrigerio.

71 Duvida 56. Quando hũa alma sente gostos espirituaes, ha de continualos, ou fazer diligencias pera mais gozalos? Respondo, que nam, se nam acustume-se a recebelos moderadamente, sem fazer diligencia pera augmentalos; porẽm advirtase, que quando a alma tem passado por hũa larga sequidam, nam contradiz esta doutrina, abrir essa alma os poros espirituaes, pera receber o celestial chuveiro: como a terra seca, q̄ depois de muito tempo, que não ha chuido custuma abrirse em grutas pera melhor ficar banhada. O que se não entende naquelles principiantes no espirito, & são muitas vezes visitados com

*Escola de Oração.*

as delicias espirituas, porque estes as devem receber com mais cautela pera que não venhão a encorrer pella sua indispção em húa como luxuria espiritual.

72 Duvida 57. Se quando vêm gostos espirituas, que parecem seguros, & visoões, que parecem de Deos, & não ha occasião de duvidar, se se hão de comunicar estas materias cõ o mestre espiritual? Respondo, que si, ainda q̄ lhe parece se a cousa mais clara que o mesmo sol, & particularmente quando são visoões, ou revelaçõs, as quaes com toda a pressa, & sem demora se hão de cõmunicar ao Padre espiritual, pera que aquella alma, que esteve não se acustumete a algum engano, ou conversão do demonio com apparencias de Deos. Advirtase que he cousa eserupulosa, & que se deve muito evitar não communicar logo estas materias com pessoas doudas, & experimentadas, que fallem conforme as regras da Theologia; porque a alma, que o contrario obra gravemente se

se poem a perigo de errar , porque hũa  
mesma imagem, que aparece , pode ser  
de Deos , ou do demonio , ou formada  
na propria imaginação , de quem as  
vê.

73 Duvida 58. Que ha de fazer hum  
Padre espiritual com as almas , que tem  
visoões, revelações, ou fallas em a oração?  
Respondo, que ha de examinar o natu-  
ral da pessoa que lhas communica, se he  
vehemente, ou melencolico, fragil, &c.  
Tambem ha de examinar os costumes  
da tal pessoa, se são, & hão sido bons , &  
quanto tempo ha que os continua, &c.  
Ha tambem de notar se as visoões , reve-  
lações, ou fallas, são verdadeiras, & con-  
formes à Sagrada Escritura, & doutrina  
dos Santos. Ha de considerar adverti-  
damente se a materia das visoões , & re-  
velações, ou fallas , he materia honesta,  
fanta, util, ou necessaria: ou ao contrario,  
se he curiosa , & pouco decente à Divi-  
na Magestade. Ha de advertir os effei-  
tos que fazem estas cousas interiores ; se  
são bons concorrendo as circunstancias,  
que



*Escola de Oração.*

que havemos apontado, & se permite, q̄ dellas se faça juizo em favor, & ajuda, pera que concorram com o espirito de Deos: mas se succede ao contrario, a toda a pressa lhas divirta, & abomine o Padre espiritual, pera que as taes almas fiquem livres do maligno espirito. Acerca desta materia se lea o tratado da descripção dos espiritos.

*Das partes affectivas.*

74 **D**Vvida 59. Se o agradecimento, offerecimento, & petição, se podem deixar quando em ellas se sente dificuldade, & acabar o tempo da oração com fazer alguns actos de virtudes? Respondo, que algũa vez se podem decorar, & dar lugar ao affecto se elle se sente mais inclinado a outros bons actos. Notese q̄ a ordem das partes da oração, de tal maneira se hão de guardar, que se não tenha por regra inviolavel, quando a alma se sente mover a outros actos bons, por outra ordẽ continuados,

tinuados, de tal sorte, que regularmente em toda a oração continuada haja parte de meditação, & de affectos parte, porque dessa sorte se illustra melhor o entendimento, & se move a vontade. Tambem se advirta, que não se ha de ter por regra infalivel, que a meditação se faça primeiro por si, & depois se fação as partes affectivas, ou outros actos de virtudes; porque se em meyo da meditação, se levantão ( como costumão ) diversos affectos, ou aspirações jaculatorias, não se hão de lançar fóra, se não darlhes lugar, unindoas com a meditação; porque aquellas faiscas de varios affectos saltão da vontade, com a força, ou impulsos, q̄ nessa vontade faz a meditação.

75 Duvida 60. De que sorte se pode apropriar, & acomodar algũas partes da oração, como ( digamos ) o dar graças em algũas materias particulares, como faõ em as da morte, & juizo, pera quem não sabe conhecer em ellas os particulares beneficios, q̄ este Senhor lhe faz?

Respon-

*Escola de Oração.*

Respondo, que se podem acomodar, dando graças ao Senhor, por havelo livrado de hũa desgraçada morte, que o pudera tomar em mau estado, & haver-lhe concedido tempo pera preparar-se, & por este respeito das graças que ao Senhor dá, se pode exercitar o offercimento, & concluir com a petição de pedir ao Senhor hũa boa morte. E advirta-se que não he necessario forçar-se muito pera que aquellas partes vão com propriedade, quando esta se não acha facilmente; porque melhor he tirar, & exercitar bons affectos, liberal, & livremente, conforme a alma se inclina com a força da meditação, como vemos tirar da morte, temor de Deos, fazer actos de viver com reformação, tirando occasião de peccados, o pedir a Deos misericordia, &c. conforme o affecto predomina, ainda que algũas vezes deixe o dar as graças, ou outra parte da oração.

Respon-

Da



*Da oração em commum, & das suas circumstancias.*

66 **D**Vvida 61. Se se ha de advertir algũa cousa acerca do lugar, & tempo da oração? Respondo, que si. Em quanto ao lugar, digo que se procure, que seja o mais desviado, & quieto, que ser possa. Quanto ao tempo o da noite despois de haver repousado o que baste, pera ter a cabeça livre; ente ndese, não estar carregado de sono; este tempo he bonissimo pera orar. Tambem ha outras oras convenientes, pera este santo exercicio principalmente em os lugares solitarios, em os quaes, ainda que seja de dia se goza da comodidade do silencio, semelhante ao da noite.

77 Duvida 62. Se se ha de estar com grande attenção? Respondo, que si: mas não ha de ser fazendo força com a cabeça, & peito, antes applicando suavemente a alma com estimação das inspiraçoẽs

## *Escola de Oração.*

rações divinas, & com firme esperança de receber a nosso Senhor; que a importância do negocio, que na oração se trata, tida na estimação que se deve, ajuda muito pera attenção, & applicação. Advirtase, que muitos nesta parte & não, interrompendo o discurso da oração, & applicandose com muita attenção, a ouvir, & escutar a Deos nosso Senhor, como se em realidade verdadeira logo q̄ elles se callão, começase o Senhor a falar com elles. Não se ha de admitir este erro; porque quando o Senhor quer, sabe muito bem fazer que as almas o oução de mil maneiras: donde se collige a bobaria de alguns, que se poem a fazer perguntas a Deos nosso Senhor, & párrão pera ouvir a resposta, respondendo a si mesmos, com a simplicidade de sua imaginação.

78 Duvida 63. Se se ha de pòr cuidado em compor o corpo na oração? Respondo, que si: pera que não impida a alma; & por esta causa, se ha de estar naquelle lugar da oração cõ muita composição,

posição, & reverencia, pondo de parte todo o genero de inquietação, como he cuspir, suspirar alto, bocejar, & moverse de hũa pera outra parte: tambem se ha de fugir de toda a commodidade do amor proprio, quando não seja necessario, como he encostar-se, sentar-se, &c. porq̃ tem mostrado a experiencia certa, que a pessoa que vai à oração com aquella froxidão, querendo sua commodidade, ainda que seja em cousas minimas, quando he sem justa causa de enfermidade, fraquesa, ou cousa semelhante, lança tudo a perder não tirando fruto da tal oração.

79 Duvida 64. Como convem estar em a oração có os olhos abertos, olhando pera algum objecto? Respondo que não he reprovado este modo, quando o que ora conhece, que este modo de olhar lhe he conveniente pera o interior recolhimento; & saibão, que ha algũas pessoas que não podem ter oração, se não com olhos cerrados, outros ao contrario.



*Escola de Oração.*

80 Dúvida 65. Que fará hũa alma, quando na oração he tentada de sono? Respondo, que ha de uzar de diferentes remedios, como são beliscarse pellos braços, levantar-se em pè, apertar consigo cilicio, ou cadea, se a traz, fazer alguns actos ferverõs, levantando o coração a Deos, com efficacia, sacudindo de si a froxidaõ, como fazem as aves quando despertão, que parece que a este fim as batem, finalmente, fóra de outros muitos remedios, que se podião aqui trazer, a alma, que aysi se vê combatida ponha todas as suas forças em oração applicação, & pedir favor ao Senhor, & a sua Santissima Mãe, & ao Anjo da sua guarda, principalmente quando vê, que aquelle sono he tentação do demonio, quando ha dormido o que lhe basta; o que succede muitas vezes, como se vê por experiencia, que se àquelle que está tentado do sono mandão dormir; não pode dormir, & tornando ao lugar da oração torna o sono a afligilo. Advirtase que algúas vezes o sono procede

de do tempo, ou de outras cousas naturaes: & então he a oração boa, & convém pelear contra o sono pera assistir diante da Divina Magestade em aquelle lugar da oração. Tambem esta doutrina serve, pera quando se sente algum cansaço, ocasionado do tempo, como em o verão costuma succeder.

81 Duvida 66. Que ha de fazer hũa alma quando vê que está orando, & que quasi ha passado a ora da oração, & que não fez em ella cousa algũa pera seu aproveitamêto, pellas distracções de seu espirito, ou por negligencia de seus cuidados, ou por outros importunos respeitos? Respondo que se ha de esforçar esta alma a fazer alguns actos intentos de virtudes, v.g. de contrição, de humildade, de amor, procurando restaurar cõ todo o cuidado o dano do perdido tempo, com tanto mayor affecto, quanto he o tempo, q̃ mais breve lhe fica, imitando nisto aos caminhantes, que quando vêm chegar-se a noite, & que por haver caminhado de vagar em o dia, receão q̃

abua  
G 2 não

*Escola de Oração.*

não possaõ chegar à poufada, aonde determinavão, começação de andar com mais pressa, querendo com a diligencia presente restaurar o dano passado. Mas se então se lhe offerecer algũa rezão pera mover a vontade, que antes lhe não occorreo, se o tempo, que fica he sufficiente pera formalá, & que faz impressãõ em a vontade; serà acerto applicarse com brevidade, & diligencia àquella rezaõ, & tirar aquelle affecto da vontade, & despois recolherse na parte mais cõveniente; & fazer as partes affectivas da oração, & se não puder recolherse por suas occupaõs, como deseja, bastará fazer aquellas partes com breves aspiraçoẽs, em quanto vai dar satisfacão a seus negoceos.

82 Duvida 67. Como se ha de pedir em a oração? Respondo, que se saõ cousas indifferentes, se hão de pedir, debaixo de condiçãõ ao menos tacita; a expressã nem sempre convem, porque costuma esfriar o fervor. Mas as cousas q̃ ajudão pera a verdadeira santidade, & faude



faude d'alma hão se de pedir absolutamente, com muito esforço, & confiança.

83 Duvida 68. Que condições se requerem pera a efficacia da oração? Respondo, que são quatro, seguindo a doutrina dos Santos, a primeira he pedir cousas necessarias pera a eterna salvação: a segunda, pedir piamente, isto he com fé, & esperança, & bom desejo: terceira pedir pera si: a quarta pedir com perseverança.

84 Duvida 69. Quaes são os efeitos da oração? Respondo, que são tres, merecer, satisfazer, & alcançar: em os dous primeiros se achão concorrendo cõ as outras obras pias, & satisfatorias, o terceiro he mais proprio da oração, porq̃ se ordena a impetrar, & alcançar do Senhor o que se pede com as condições requisitas. Ha tambem outros muitos efeitos admiraveis da oração, como he a luz de Deos nosso Senhor, o levantar-se o coração a amar as eternas cousas, & desprezar as temporaes, &c.

85 Duvida 70. Quaes são os sinaes de

*Escola de Oração.*

aproveitar na oração? Respondo, que são a mayor luz, que húa alma tem pera conhecerse así mesma, & a Deos nosso Senhor, & o mayor recolhimento interior, a mayor mortificação, & outros semelhantes.

86 Duvida 71. Que causa ha pera q̄, sendo muitos, os que tratão de oração, são poucos os q̄ em ella se aperfeiçoão? Respondo, que duas são as causas principaes, húa he a pouca mortificação, como (digamos) o muito fallar, o olhar cõ curiosidade as cousas creadas, &c. as quaes imperfeições por serem quotidianas, destroem tanto, ou mais do que se ganha, & aproveita em a oração de cada dia. Isto mostra claraméte a experiencia, porque havendo pessoas, que não cometem culpas graves, & se vê, q̄ ainda que tratem de oração, não aproveitaõ, por não quereré obrigar-se a viver mais mortificadamente, conforme a doutrina dos Santos. A outra causa de não aproveitarem he a pouca estima do santo exercicio da oração, pera o qual se preparão imper-

imperfeitamente, & quando estão no  
fanto exercicio, dão lugar à froxidão do  
animo, de tal sorte, q̄ estão alli com hum  
coraçãõ descabido, & sem recolhimen-  
to, & menos applicaçãõ do espirito, &  
por esta causa as tentações, & destrahi-  
mentos achãõ às pessoas semelhantes,  
como cidades sem muros, & fortalezas  
sem guardas.

87 Duvida 72. Se a oraçãõ ha de ser  
larga? Respondo, que quando a oraçãõ  
se tem em communidade ha de ser con-  
forme a obediencia tem ordenado o tẽ-  
po da oraçãõ, de maneira, que nem seja  
breve, nem demasiadamente largo; mas  
quando hũa alma ora em particular, a  
oraçãõ he tanto mais proveitosa quan-  
to he mais larga, salva a saude, & forças  
de quem ora. Pello que os principiantes  
se governem como em tudo, pello con-  
selho de seu mestre espiritual.

88 Duvida 73. Que farãõ aquellas  
pessoas, q̄ por diversas occupaçoens tem  
impedidas as acustumadas oras de sua  
oraçãõ, ou não tem lugar a proposito,



*Escola de Oração.*


ou não podem ter oração a seus oportunos tempos, que pera ella tinham finalados? Respondo, que se tem tempo antes das oras deputadas, ou ao despois tenhaõ a sua oração quando puderem, & quanto ao lugar, tenhaõ todo o lugar por oratorio, & se não podem ter oração oras inteiras, seja meya ora, ou hum quarto seguido de oração, & o de mais tempo procurem satisfazelo com orações jaculatorias, & de interpollados suspiros do coração, & interiores actos de virtudes, & o restante do dia.

89 Duvida 74. Como poderãõ ser ensinadas pessoas ideotas, & simpleses pera que tenhaõ oração? Respondo, q̄ ferà bom o modo de ensinallas em como haõ de crer, & cuidar, que Deos N. Senhor està em todo o lugar, & dizerlhes como haõ de formar em sua imaginação a imagem de Christo Senhor nosso humanado, & que vão à oração com reverencia de sua Divina Magestade, & com dor, & confusão de seus peccados, & estejaõ alli cuidando como melhor  
pude-

puderm em algũa destas cousas sobreditas, & da humanidade de Christo Senhor nosso, & desta sorte estando em o lugar da oração, em presença de sua Divina Magestade, & fazendo prepositos de viver santamête, & de fugir de todo o peccado, & juntamente offerecendo-se ao Senhor, & crendo em elle, esperando em elle, amando, & pedindolhe seu divino favor, & em todos estes actos procedendo com simplicidade, & com abundancia de boa vontade, farà fructuosa oração.

### TRATADO III.

#### *Da presença de Deos.*

I  Rimeiramente se pergunta, q̃ cousa he presença de Deos? Respondo, que presença de Deos em o sentido q̃ uzaõ as pessoas espirituaes, não se entêde a existencia de Deos em todo o lugar, nem menos a attenção, & advertencia, que

*Escola de Oração.*

sua Divina Magestade tem pera com  
nós outros, & a todas as nossas cousas, né  
taó poco estaremos nós outros ( junta-  
mente com todas as de mais creaturas)  
presentes diante o Senhor, se não en-  
tendese em o exercicio interior princi-  
palissimo, que ha na vida espiritual, que  
consiste em duas cousas: húa he a repre-  
sentação, que interiormente se forma  
das cousas divinas, ou da humanidade  
de Christo Senhor nosso, ou de outros  
objectos semelhantes: a outra he húa  
pia applicação d'alma, & do affecto a  
Deos nosso Senhor, & a outras cousas  
representadas pellas imagens, que inte-  
riormente se formão, & aquella applica-  
ção he a principal parte da presença de  
Deos, taó celebrada das pessoas espiri-  
tuaes, sem a qual a representação das  
cousas divinas, ou da humanidade de  
Christo Senhor nosso seria de pouco  
fruito.

*Em esta materia se veja o* 2. Segundo. Perguntase quantas ma-  
neiras ha de presença de Deos? Respó-  
do que a presença de Deos commum-  
mente



mente se divide em presença imaginaria, & intellectual: Imaginaria he aquella, em a qual se formão imagens de cousas corporaes, v.g. a figura de Christo S. nosso em qualquer acto, ou passo de sua vida, & paixão, ou Ressurreição, Ascensão, &c. Intellectual he aquella, em a qual não se formão taes imagens, se não que o entendimento attende, & se applica a existencia assistente de Deos em todo o lugar. Advirtase acerca desta doutrina, que ainda que concorrem a phantasmas, ou imagens da imaginativa imaginação, ainda pera entender ( conforme, q̄ nesta vida he possivel ) as cousas divinas, conforme a doutrina de S. Dionisio Ariopagita capit. 1. *Cælestis Hierarchie*, & de S. Thomas 2.2. *quest.* 174. *art.* 2. *ad* 4. com tudo isso chamão presença de Deos intellectual àquella, em a qual se termina, & dirige a applicação d'alma a cousas, ou rezoões intellectuaes, ainda q̄ a alma se sirva de algũa imagem propria, ha differença da presença imaginaria, em a qual se formão

pro-

*tratado da criação desde a duvida 8. até a duvida 14.*

*Escola de Oração.*

proprias imagens, & a alma se aplica a-  
velas; o que não succede em a presença  
intellectual, se não, que sobe sobre toda  
a representação a cousas intelligiveis.

3. Pera entender a presença intellec-  
tual servem os pontos seguintes. Pri-  
meiro, considerar como hum homem  
se anima, & esforça com a presença de  
outro homem, não tanto pello corpo, q̃  
vê, quanto pella alma, que não vê: clara-  
mente se experimenta esta verdade cõ  
hum exemplo; Se aquella alma, que ani-  
ma aquelle corpo o deixar de animar, o  
homem que o tinha por companhia, &  
emparo, quando vivo, estará diante do  
morto? Não, antes o deixará por temor;  
segue-se que em quanto havia alma, que  
elle não via, tinha a fortaleza, & não o  
corpo de quem se ausenta por morto.

2. Quando hum homem cego, está  
junto com hum mudo, ainda que o cego  
não vê ao mudo, nem d'elle espera repo-  
sta, com tudo, como de certo sabe, que  
alli está junto de si aquelle homem mu-  
do, ainda que o não ouça fallar, confor-  
ta-se

tase com aquella companhia. Assim tam-  
bem quem se applica à presença intellec-  
tual de Deos nosso Senhor, ainda que  
naõ veja sua Divina Magestade, nem es-  
pere, que lhe responda, com tudo se es-  
força, & anima, porque sabe certissima-  
mente, que o mesmo Senhor lhe està  
presente, & como Pay de clemencia at-  
tende a suas miserias pera remedialas.

3. Quando hum homem pouco vale-  
roso, entra de noite em hum adro, se vai  
acompanhado não teme: & muitas ve-  
zes descança, & repousa no mesmo adro,  
& se os companheiros o deixão, sem q̃  
elle o advirta, està sem temor dormin-  
do, porq̃ o imaginar, que estão seus cõ-  
panheiros presentes esforçoa sua fra-  
queza. Pois, se o imaginar, q̃ estão pre-  
sentes tres, ou quatro homens, os quais  
em realidade se ausentãrão, animão tan-  
to a hum homem timido, que parece se  
lhe alarga o coração, como naõ darã es-  
forço, animo, & fortaleza a hum fraco  
homem a presença intellectual de Deos  
nosso Senhor, quando esse fraco homẽ  
com



*Escola de Oração.*

com acto vivo de fé, está conhecendo, que aquelle summo bem, & Senhor seu lhe está presente pera o fortalecer, & animar.

4. Se os fervos de Christo nosso Senhor se alentaõ, alegraõ, & fortificaõ de estar junto ao Santissimo Sacramento do Altar, suposto que naõ vèm o corpo do mesmo Senhor, & se confortaõ, & animaõ, porque a fé lhe diz, que alli está realmente. Que causa pode haver pera naõ sentir esforço quando se applicaõ intellectualmente à presença de Deos nosso Senhor, pois crem com fé divina, q̃ o corpo de Christo está naquelle Sacramento, assi pois crem com fé divina, q̃ a mesma pessoa, & divindade do mesmo Christo está presente em qualquer lugar donde elles estão,

5. Ajuda muito pera entender a presença intellectual de Deos nosso Senhor, considerar o que seria, se fosse verdade, ou pudese ser, que sua Divina Magestade estivesse em algum lugar determinado, como (digamos) em o Cèo, & naõ

não estivesse na terra. Verdadeiramente, que em este caso sentiriaõ os servos de Deos, aquella ausencia com grande pena, & logo conheceriaõ o motivo, que tem de consolação, em saber, q̄ tem presente, conforme a fé os ensina, que em todo o lugar aonde se achaõ tem presente este Senhor; tambem serve a este preposito, o que seria, se o Santissimo Sacramento da Eucharistia estivesse, v. g. nas Indias occidentaes somente, & neste caso, dado, & não concedido, não se pôde com palavras explicar o sentimento, magoa, & dor, que teriaõ os fieis de Europa pello muito que amaõ o divinissimo Sacramento do Altar.

3. Perguntase, se ha diversos modos de presença de Deos nosso Senhor, que se comprehendaõ debaixo da sobredita divisaõ? Respondo, que si, porq̄ cooperando com a divina graça se podem formar diversas imaginações dos objectos imaginaveis, & applicarse de muitas, & diversas maneiras às cousas divinas, por modo intellectual: mas de mais de-

fles

*Corresponde ao n. 3.*

*Escola de Oração.*

stes modos, nos quaes, ainda que se fazem com o favor divino, concorre nossa cooperação: custuma o Senhor favorecer algúas almas, formandolhes em a imaginação, outras vezes em o entendimento, diversos, & admiraveis modos de sua presença: de sorte, que sentem estas almas hũa correspondencia dulcíssima, & hũa amavelíssima companhia, a qual vêm algúas vezes por diferentes modos, & outras a não vêm; mas cõ toda a certeza a sentem, & entendem, cuja he, & della recebem hum particular esforço pera caminhar, & crescer em a perfeição da vida Christãa. Quando estas merces do Senhor succedem, com toda a pressa se haõ de comunicar cõ o Padre espiritual; pera q̃ não haja mistura de algũa diabolica illusão.

*Pertencz  
ao n. 4.*

4. Perguntase, se pode darse presença intellectual de alguns objectos corporaes? Respondo, que si. De maneira, q̃ assi como hum Anjo vê (isto he) conhece, v.g. o corpo de Christo Senhor nosso, sem formar imagem corporal, assi como



mo a forma hum homem, q̄ tem olhos corporaes, & fantasia, & imaginação, cõ a qual forma aquellas imagens, que chamão phantasmas: assi tambem pode hũ homem ver, isto he, entender hum homem com o divino favor o corpo de Christo Senhor nosso, & ter delle presença por modo intelligivel, & Angelico, sem que o veja com os olhos corporaes, ou delle forme imagens em a sua imaginação. He verdade, que algũa differença haverà entre o Anjo, & o homẽ mortal: porque o Anjo, & o homẽ mortal he diferente: porque o Anjo bem poderà dizer a figura do que vio, v.g. as feições do rosto de Christo Senhor nosso, porque o homem não o saberà dizer, como se sabe por experiencia daquellas pessoas, a quem o Senhor ha feito esta merce: do qual não convem agora neste lugar dar a rezão especulativa: & nesta materia hão de ir os Padres espirituaes com muita cautella, & discrição; pera não errar em fazer juizo de algũas merces, que o Senhor faz a seus servos.

*Escola de Oração.*

*Pertence  
ao n. 5.*

5. Perguntase, se se pode dar presença de Deos imaginaria de objectos intellectuaes? Respondo com distincção desta maneira: se o sentido da pergunta he, se se dà presença de Deos, quero dizer, da natureza, & perfeições Divinas, cõ algũa formação de imagês, ou phantasmas? Respondo, que si, conforme a doutrina commua assima dita de S. Dionisio, a quem os Theologos seguem, dizendo: que as cousas divinas em quanto estamos em esta vida, se conhecem debaixo de semelhanças de cousas corporeas. Ponhamos exemplo: Quando Deos communica hum alto conhecimẽto de sua divindade, ou do mysterio da Santissima Trindade debaixo de algum simbolo, ou semelhança de hũa grande luz, ou de hũa branca nuvem, fermosa, & resplandecente, ou de outra maneira mais admiravel, alem daquillo que nõs podemos explicar, em este sentido bem pode ser, juntaremse imagens de cousas corporeas com conhecimento de cousas intellectuaes, & divinas. Mas se a pergunta

pergunta quer dizer, se esta he propriamente presença de Deos imaginaria, ha-se de responder, que não, porque estas imagens não tem cousas corporaes existentes, às quaes propriamente respondo, se não que se formão a fim, não de representar cousas corporeas, como a imagem de Christo nosso Senhor, & da Virgem Senhora nossa, &c. se não pera significar cousas puramente intellectuaes.

6. Perguntase, se as maneiras sobreditas de presença de Deos se reduzem a outros exercicios pios acerca das creaturas? Respondo, que si, hũas vezes cõ imagens, que trazem a presença da Santissima Virgem nossa Senhora, & dos Santos, ou se medita em a morte, inferno, ou juizo universal, &c. das quaes cousas se formão, imagens dos corpos, & acçoões corporeas; outras vezes sem imagens, como quando se medita em a nobreza dos Anjos, ou perfeiçoões da divina graça, & a excellencia da charidade, & outras cousas semelhantes com



hum modo intellectual, sem formar imagens de corpos, como se formão na presença de Deos imaginaria. Este exercicio tambem se chama presença de Deos, porque se ordena pera levantar a alma a Deos, q̄ nelle tem o seu fim por meyo daquella applicação d'alma às creaturas, com resguardo, & attenção de unir se só com seu Creador; & afsi se lê de alguns Santos Monges, que commummente se exercitavão em estes modos da divina presença, com mais fruto, que outros com diferentes, & mais altos modos.

7. Perguntase, qual he melhor, a presença intellectual, ou a imaginaria? Respondendo com distincção, porque aquella palavra, melhor pode significar, ou mayor excellencia, ou mayor proveito. Quanto à excellencia não ha duvida, q̄ a intellectual he mais nobre, mais alta, & mais excellente, porque olha, & respeita a mais alto objecto, que he a natureza divina, & he como o fim da imaginaria. Mas quanto ao proveito, não se pode por em pratica sinaladamente regra geral.

geral. Porque ainda que de si, & conforme sua natureza a presença intellectual he mais proveitosa, com tudo isso posta em pratica muitas vezes succede, q̄ pera muitos he de mais proveito a imaginaria, como o mostra, & tem mostrado a experiencia.

8. Perguntase, que modo haverà pera fazer hũa boa eleição da presença de Deos? Respondo, que se ha de tomar experiencia por algum tempo, pera experimentar, qual presença he mais proveitosa pera a alma ( isto he ) pera ver qual presença, he a que mais illustra a alma, a inflamma, & conforta mais, pera satisfazer com as obrigações de seu estado, pera a mortificação das paixões, & sequito das virtudes, & não fazer a tal eleição sem maduro conselho de seu mestre espiritual. Advirtase, que se não ha de deixar a presença imaginaria, por causa de não poder formar perfeitamente as imagens; q̄ isto não he necessario, & muitas vezes he danosa aquella perfeita formação com o perigo das illu-

*Escola de Oração.*

soés; & a formação imperfeita he bastante, & menos arriscada, & deve se considerar se por outros respeito, v.g. pouco proveito, fraqueza da cabeça, & outras cousas semelhantes com as quais se haja de deixar.

9. Perguntase, se depois de feita a eleição, cõvem saber, da presença imaginaria, se de quando em quando poderá uzar da intellectual, & ao contrario, se tendo escolhido a intellectual poderá algũas vezes uzar da imaginaria? Respondendo, que si. Em o que se ha de notar, & advertir, que não convem atar a alma, & obrigala a que esteja sempre sogeta, fomente a hum modo de exercicio, de tal sorte, que não possa lançar a mão a outros exercicios, porq̃ este modo causa afflicção, & melencolia, q̃ como o homem se compoem de espirito, & corpo lhe convem muito uzar desta alternativa, & mudança de exercicios, pera alivio d'alma, & pera alcançar os bõs affectos, que deseja.

Digo tambem, que ainda que he verdade,



dade, que depois de eleita hũa presença de Deos, se regularmête se ha de uzar sempre della, com tudo isso he bem que se dê lugar a outros bons pensamentos em diversas formas, de tal sorte, que a alma esteja sempre occupada em bons, & santos pensamentos, & não atada a hum só.

Suponho neste lugar a diligencia que se ha de fazer pella manhã em tomar logo a divina presença, cuidadosamente, como custuma fazer o caminhante, que leva algũa preciosissima joya, o qual pernoitando na pousada, em despertando, pera se pôr a caminho lança a mão à sua joya, segurandose, que junto de si a tem.

10. Perguntase, se he conveniente exercitar a presença de Deos, q̄ se tomou pella manhã, sobre a qual se teve a oração? Respondo, que si: mas ha de ser cõ a discrição q̄ fica dita em o numero precedente: Advertindo que se guarde do engano, que tem alguns principiantes, os quaes, se tem outros pensamentos

Escola de Oração.

bons, não lhe dão entrada; porque não são da mesma materia, q̄ pella manhã meditação, & com o mesmo, q̄ querem fortalecer o espirito o perdem, & destroem.

11. Perguntase, como se ha de unir a presença de Deos com aquella virtude, que hũa alma escolhe, pera a semana, ou pera o mez, porque conforme a doutrina religiosa, a presença de Deos, como tambem a oração continuada, ha de servir pera o seguimento, & conquista das ditas virtudes? Respondo, que se ha de consertar de tal maneira, que tire mais motivos da presença de Deos, que exercita pera inclinar a alma ao estudo daquella virtude, como, se a presença de Christo he a colúna, & a virtude, q̄ escolheo he a humildade, cõsiderar muitas vezes a humildade, com q̄ o Senhor está despido, & posto como hum eservo em cadeas. Se escolheo mansidão, cõsiderar muitas vezes, como está o Senhor atado, como hum cordeiro innocente, recebendo aquellas injurias, & dores

dores sem indignarse, nem agastarse cõtra os verdugos, que tão mal o tratão. Se escolheo castidade, considere muitas vezes como he castigada aquella carne immaculada de Christo, & virginal, &c. & estas cõsideraçõs hão de ser brevissimas, & a cada passo repetidas, & entretecidas com a presença de Deos nosso Senhor no mais tempo, que não tem a dita oração. Tambem se hão de fazer firmes prepositos, & actos de virtude, q̃ escolheo, resolvendose a vencer as difficuldades, que nellas se offerete, & ensinandose a obrar as obras, que lhe occorrem da maneira que as faria Christo Senhor nosso em occasioens semelhantes. Mas hasẽ de advertir, que quando a alma não acha facilmente na presença de Deos as rezoões, & motivos proprios para inclinar-se ao sequito da virtude, que escolheo, não he bem, que vã cansandose em especulaçoões, & em esquadrinhar conceitos, se não vã com simplicidade servindose da presença de Deos, pedindolhe repetidas vezes, lhe dê aquella



virtude, que ha escolhido por sua summa bondade, & pellos meritos de sua santissima paixão, por suas dores, & por seu santissimo fangue, &c. fazendo propositos, & actos firmes de se exercitar naquella virtude.

12. Perguntase, se com o Senhor se ha de fallar em segunda pessoa, quando se està no exercicio de sua Divina presença? Respondo que nesta parte não convem atar alma, se não q̄ falle em segunda, ou em terceira pessoa com o Senhor, ou consigo mesma; Advertindo que o Senhor lhe està presente, ou de outras maneiras, conforme o affecto, que mais o eleva.

13. Perguntase, se entre dia ha de fazer intensa applicação d'alma, & do affecto no exercicio da presença divina? Respondo, que o pensamento, & affecto se ha de aplicar suavemente, sem fazer força, ou movimento com a cabeça, & peito: porque com esta moderação melhor se persevera nella, & deixa a cabeça mais descarregada, & com attenção  
suffi-

sufficiente pera melhor se aplicar em as cousas que se offerecem do serviço do Senhor, & desta sorte não vem os fervos do Senhor a fazerse inuteis pera negocios proprios, & de seus proximos. Esta suave applicação d'alma, quando a presença he de Christo Senhor nosso ha de ser com attenção a lhe fazer boa, & fiel companhia, imitando ao mesmo Senhor em as cousas ordinarias, & occurrentes, como são silencio, modestia, andar, estar assentado, olhar, fallar, &c. Procurando fazer aquelles actos virtuosos, se possivel fora, como os faria o mesmo Christo, propondo obrar por seu amor cousas extraordinarias, & acompanhalo com perfeição até morte.

14. Perguntase, se se ha de aplicar hũ homem à presença de Deos, quando esse homem anda em negocios com seus proximos, & quando està em conversão, quando està na mesa, & em outras semelhantes occasiões? Respondo que si, sendo com a moderação encomendada em o numero precedente, a qual he mui a-

como-

comodada pera todas as occasiões, como claramente se vê no que obrão pessoas espirituaes, em meyo das festas, & conversões dos amigos, passeando a pè, a cavallo, ou em carroças, &c. em as quaes occasiões sem faltarem a urbanidade, & cortesia, nem aos exercicios de charidade levantão a Deos seu coração húa, & muitas vezes, & interiormente se regulão com seu Senhor; em cuja presença estão. Servindolhe esta divina presença de fortaleza, & trincheira pera não receber dano algum com a comunicação das creaturas, conservando seu coração preparado, & disposto, como convem pera a oração, & outros muitos bens espirituaes. Esta fidelidade, & paz interior entre os negoceos da terra he mui estimada do Rey do Cèo. Desta doutrina se segue, q os servos de Deos hão de procurar estar sempre na presença do Senhor, porque se entre os negoceos anda procurando, quanto mais a devem sollicitar quando não estão occupados em outras cousas, que dessa presença os distra-



distrahe? Assim o fazem os virtuosos, & os que tratão da vida espiritual, q̄ quando não estão occupados em cousas incompativeis, vivem em hũa cõtina memoria de Deos, multiplicando sem numero muitos actos meritorios, & ainda q̄ pella fragilidade natural passãõ algũa parte do tempo sem esta memoria, não he voluntaria esta distracção, porq̄ tanto, que advertem', tornão logo a porse na presença do mesmo Senhor em qualquer lugar donde se achão.

15. Perguntase, como se hão de ver as creaturas espiritualmente pera que sua vista sirva de fomentar a presença de Deos? Respondo, que todas as creaturas, que se vêm ora sejão naturaes, como os campos, os rios, as arvores, &c. ou sejão artificiaes como as imagens, vasos de ouro, de prata, casas, & palacios, &c. se hão de olhar com hũa relação, & respeito ao Creador, & Senhor de todas aquellas cousas, do qual Senhor procede todo o bem natural, & artificial, &c.

E se a presença de Deos he intellectual,

ou

*Escola de Oração.*

ou imaginaria de Christo Senhor nosso, ha hũa grande proporção, & acomodação em ver aquellas cousas, & juntamente vêr o Author dellas, levantando o coração pera honrar, & amar a Deos nosso Senhor com os motivos, que naquellas mesmas cousas se achão: v. g. se vemos a fermosura das flores, pôde se logo ver a Christo Senhor nosso, & aplicar o affecto pera amar sua infinita fermosura, se o que se ve he hum sumptuoso palacio, ver logo ao Senhor, & desejar subir à Cidade de Deos, que está fabricada pera seus escolhidos; se de hum rio confidere, logo a divindade, que he como hum mar de purissima agoa, & suspire por ella, desejando entrar naquelle eterno refrigerio. E quando o que se applica à presença do Senhor não saiba achar proporção entre estas aspirações, & vistas interiores, bastará, que com singeleza, & desejo de unir se com sua Divina Magestade se lembre de ver aquellas cousas que ve, como cousas de seu querido Senhor universal, louvando,

& glorificando por aquelle Senhorio, digno de tão grande Senhor, & Monarca; & desta sorte tirará de seu coração bonissimos affectos, húas vezes de temor quando os objectos são pera temer, v. g. a morte, juizo, & inferno, & outras vezes de amor, quando as cousas que ocorrem são amaveis, & deleitaveis, como campos, flores, & arvores, &c.


16. Perguntase, de quanta importancia he o exercicio da divina presença? Respondo, q̄ he de summa importancia pera todo o bem espiritual, & pera todo o genero de pessoas, especialmente pera muitos, que por indisposição natural, ou accidêtal habitual, não podem discorrer, & menos ter oras continuas de oração, às quaes pessoas serve a presença de Deos nosso Senhor de continuada oração. E universalmente fallando se vêm admiraveis effectos em as pessoas, que se applicão à divina presença, porque os que são fieis em este santo exercicio, tem hum não sei que divino



no em olhar, & fallar, em a modestia, em o negociar, &c. que bem mostram serem governados pello Espirito Santo.

## TRATADO IV.

### *Das tentações.*

I.  Sta materia he mui copiosa, & se hão escrito muitas cousas em differêtes livros, eu deixarei as cousas de menos proveito, & direi ( com o favor do Senhor ) o que for mais a proposito pera as pessoas espirituas gravemente tentadas, pera que se ajudem assi mesmas, & possam aconselhar a outros.

II. Suponho que hum homem pode ser tentado em toda a materia de pecado, & contra todas as virtudes. Tambem suponho que as tentações podem nacer de tres pontos, ou partes principaes. Primeiro do demonio. Segundo de nossa concupiscencia, que peleja contra a rezão, & contra a Ley de Deos, ou

por particular ordem, & premissão do Senhor; que nos quer provar. Tambem supponho, que estes tres pontos não se haõ de distinguir como se o primeiro, & o segundo, não succedem com ordem, & premissão de Deos; mas ha-se de entender, que o terceiro ponto se attribue a particular conselho divino, ainda que a concupiscência, ou o demonio nos não tentase com seu ordinario modo, porq̃ ha disposições divinas extraordinarias quando o Senhor quer provar a hũ seu servo, premitindo ao demonio q̃ o affliza extraordinariamēte pera mayor gloria de sua graça, & bem daquella alma, & exemplo de fortaleza, & paciencia pera os outros.

3. Alem do sobredito supponho os remedios communs pera todas as tentações, que se podem reduzir aos seguintes. O primeiro he a oração, porque todo o homem atribulado busca aquella pessoa, que lhe pôde valer, & por isso aquelle q̃ se sente affligido tome por remedio a santa oração. O segundo remedio

### *Escola de Oração.*

dio he humilhar-se em a divina presença, porque desta sorte alcançará brevemente o alivio, pera sua pena. O terceiro he a paciencia contra a tristeza, & desconsoiação, que a tentação lhe causa. O quarto he a fortaleza; & constancia em resistir, principalmente em o principio da tentação com o temor de Deos, & esperança do premio. O quinto he ter firme esperança em Deos nosso Senhor sem perder o animo, nem esmorecer-se. O sexto he aconselhar-se cõ pessoas espirituas particularmente Prelados, & mestres; & este remedio primeiro que todos se ha de buscar cuidadosamente pera uzar dos outros remedios com a direcção dos seus mestres, porque sendo, como são, varias as tentações he necessario desde o principio uzar de differente direcção. Advirtão os mestres de espirito, que universalmente, quando as tentações causão ao tentado hũa grande froxidão de espirito, & corpo como são as da Fè, de blasfemea, de escrupulos, & outras semelhan-



tes se ha de aconselhar, aos q̄ padecem semelhante peha, que se divirtão da oração, & de outros exercicios mentais, & que comão, & durmão, pera que não dem em algũa desordem espiritual, & corporal, que ao despois seja muy difficuloso o remedio.

4. Feitas estas suposições, & deixando innumeraveis modos de tentações, com que os servos de Deos são mortificados, & exercitados, direi só as mais graves, & que costumão ocorrer mais facilmente, das quaes eu tenho mayor noticia, & pera cada hũa das tentações, q̄ differ, porei alguns remedios mais efficazes, pera as tentações, que pretendo tratar, que são de Fè, de impuridade, de blasfemea, de escrupulos, de desesperação, & de odio de Deos.

*Tentação de Fee.*

5. **Q**uanto às tentações de Fee, se advirta; que ha algũas pessoas espirituaes, q̄ padecem grandes combates nesta parte, porque com

*Escola de Oração.*

a promessa divina, o demonio as sollicita, & inquieta em cada mysterio da Fee com mil perguntas, & argumentos impertinentes, que parece os não deixa respirar. Por cuja causa muitas vezes os faz adoecer, & outras vezes perder o juizo a leu parecer, de forte, que, suposto este exercicio seja tão penoso não he por isso de muito perigo pera a alma, porque quanto he mais desbarate, o que o demonio lhe diz tanto menos perigo ha em darlhe credito, antes de ordinario he ganhar nesta batalha a victoria; porque como se vèm os servos de Deos tocados em hũa materia, por cuja confissão dariaõ mil vidas, se tantas tiverão, quando se sentem mais turbados, & affligidos, prorrompem em certos actos de Fee nobilissimos, com hũa fortaleza semelhante a que os Santos martyres tinham na presença dos tyranos, & estes actos heroicos, & nobilissimos costumão fazer principalmente em os lugares solitarios, donde com mais affectos, com palavras, & actos exteriores confissão

fessão a verdade Catholica com animo forte, & varonil, que he pera Deos nosso Senhor de muito gosto o victor desta victoria, & da mesma bondade divina se ha de crer, que permite aquellas tentações tão graves, para recolher o fructo daquelles excellentes actos de virtudes, tão suaves, & aprasiveis pera sua Divina Magestade.

6. Os remedios particulares desta tentação ( fóra os que assima apontei ) são os seguintes. O primeiro não dar ouvidos aos argumentos do demonio, nem menos por se com elle às rezoens, ainda, que ao que he tentado lhe pareça que sabe pera poder vencer o tentador. O segundo he não se deixar turbar, & inquietar interiormente como alguns fazem, que se inquietão muito com o horror que lhe causa aquella especie de tentação, por ser contra a Fee divina. Não se ha de perturbar o tentado, se não desprezar a tentação, quando essa tentação se està vendo, que descubertamente se opoem cõtra hũa ver-



*Escola de Oração.*

dade certa, & infalivel. De maneira, q̃ o tentado se ha de haver com o demonio nesta parte como se hum doudo lhe estivese dizendo aos ouvidos desbarates rediculos, & doudices desbaratadas, & assi como o tétado não fizer caso dessas impertinencias por serem de hum louco, menos caso faça das desbaratadas tentações de hum demonio. Esta doutrina se pode confirmar com o côselho de pessoas espirituaes, quer pello q̃ pertence ao dano, que custumaõ receber os que são desta maneira atribulados, não temem; antes lhe parece, que tem menos que temer quando são tentados em outras cousas mais leves, como são, falar ociosamente, no qual caso se pode presumir, que ha algum consentimento ainda em pessoas mui espirituaes, o que não se pode affirmar com fundamento em as tentações, que são contra a Fee. Terceiro remedio he fazer actos mui affectuosos de Fè mas singelamente sem buscar outra rezão se não aquella universal, de que Deos o disse, que he a que  
nos

nos propoem a Santa Igreja Catholica Romana.

*Tentações deshonestas.*

7. **Q** Vanto às tentações deshonestas se ha de advirtir, que são gravíssimas, & mais perigosas, que outras, pella fragilidade de nossa carne, da qual o inimigo se ajuda pera combater hũa alma. Estas tentações nascem muitas vezes da mesma cópleição, & natureza por ser inclinada àquelle vicio, quando o corpo vive em regalos, & está pouco, ou nada mortificado. Outras vezes não tem a origem a tentação em o corpo, porque está fraco, & debilitado com penitencias, & com tudo isso parece, que se abraza aquella alma em fogo infernal da concupiscencia: & então he final, q̃ aquellas tentações se continuão por particular providencia do Senhor, que quer purgar aquella alma, & levantala a mayor perfeição. O mesmo se ha de julgar daquelles servos

*Escola de Oração.*

de Deos nosso Senhor, que vivem fracos, & com pouca saude, aos quaes as continuas indisposições, & achaques servem de hũa continuada penitencia, & com toda esta pena são tentados gravemente nesta materia. E finalmente do mesmo modo são tentados muitos servos do Senhor, que não tendo objecto presente, que lhe cause tentação, & procurando elles cõ todas as forças occuparem se em obras do serviço de Deos nosso Senhor por não darẽ lugar a torpes pensamentos, com tudo isso padecem gravissimas, & molestissimas tentações.

8. Tambem se ha de notar, que esta gravissima batalha corre por diferentes estilos tanto ao tempo, como ao impeto, com que acomete as almas. Quanto ao tempo, dura em algũas almas esta tentação torpe, quatro, seis, dez, & mais annos com intermissões em huns, & em outros sem intermissões, q̃ he sem cessar: Esta pena he intoleravel. Quanto à força com que vem algũas vezes chega a tenta-



a tentação a termos, que parece húa especie de fogo; outras vezes se segué indecencias, & extravagantes couias por obra diabolica, das quaes a honestidade, & modestia não sofre, que com mais distincção se ecreváo, por cuja causa as não ponho mais claras: mas advirto aos leitores espirituaes, que se não inquieté por qualquer successo extraordinario nesta materia; em quanto, pella graça do Senhor a vontade não consente, o que consta claraméte das vidas dos Santos, & Santas castíssimas, q̄ foraõ nesta parte cruelmente atormentadas.

9. Os particulares remédios desta tentação, alem dos communs ditos assima, que nesta materia se haõ de uzar com muita diligencia, & fidelidade, saõ os seguintes.

Primeiro he fugir as occasiões na vista, conversão, &c. Segundo castigar o corpo quando he robusto, saõ, & bem disposto partes que o conduzem à tentação, & entaõ uze de jejuns cilicio, & açoutes, & trabalhos corporaes, que saõ

### *Escola de Oração.*

instrumentos certos pera rebater a violencia carnal. Mas quando o corpo não está así disposto com a faude, & forças necessarias, se não fraco, & doente, não convem uzar destes meyo, se não pouco, ou quasi nada; mas logo ha de buscar os espirituaes remedios de orações, sacramentos, &c. com tanto mayor cuidado, quanto menos dos corporaes remedios se podem valer. Terceiro remedio he uzar da occupação de tal forte, q̃ o pensamento tenha pouco tempo pera unirse aos objectos da tentação. Advirto, que a occupação ha de ser conforme a faude, & estado do que tem a tentação, lendo, ou escrevendo, negoceando, ou trabalhando de mãos, ainda que as obras de mãos, quando não são de muito trabalho, & não pedem cuidadosa attenção do animo, pouco impedem os torpes pensamentos. O quarto remedio he a frequencia do Santissimo Sacramento com esta intenção de receber sustento, & adquirir forças pera a tentação precedendo primeiro o conselho do confessor,

fessor, ou mestre espiritual. Advirtase, que estes remedios alentaõ muito as forças pera resistir as tentaçõs desta especie, que não são mui ordinarias; tambem ajudaõ pera as extravagantes ordinariamente. O quinto (donde está o remedio de todos os males) mas por ordem da Divina Providencia vemos algũas pessoas tentadas nesta parte, q̃ com frequentar estes remedios, & resistir varonilmente, nenhum alivio sentem, ainda despois de haverem pelejado muitos annos. Mas estas pessoas não haõ de desmayar, se não confiar muito no Senhor, de cuja graça tem hũ indicio certo de muita consolação, que he perseverar tanto tempo entre terriveis combates sem peccado mortal conhecida-mente, & digo mais, que ainda que pela vehemente, & continua tentação, ouvessem algũa vez cahido em algũa mortal fragilidade, de nenhũa forte desmaem, porque na sagrada Escritura temos exemplos de Santos, que cahirão algũa vez mortalmente, mas tornarão logo



*Escola de Oração.*

logo fortalecidos às ordinarias pelejas, dando ao Senhor muita gloria, & assi mesmos dilatados merecimentos.

*Tentações de blasfemea.*

10. **A** Cerca destas tentações de blasfemea se ha de advirtir, a furiosa operação do demonio, com q̄ vem acompanhandoa com terriveis inquietações pera despenhar com graves impaciencias aos servos do Senhor. Esta tentação a meu entender, não custuma vir só, se não acompanhada com grande tristeza interior, ou tentações de desesperação, & de odio contra Deos nosso Senhor, ou graves tentações cōtra a castidade. A rezão he, porq̄ fingindo o demonio, q̄ a parte inferior do homem gravemente affligida, & privada de toda a consolação, & gofio, se tornase colericamente raivosa contra a rezão, & contra o mesmo Deos, tanto mais ferosmente, quanto lie mais affligida do demonio, ficando como hũa fera, que

que em quanto a não molestaõ, parece estar quieta, mas em vendo, q̃ lhe pro- vão a paciencia desenfoscada mēte em- bracecida se arroja contra quem a in- quieta, & então se levantão horri- veis pensamētos, & algũas vezes lan- ção pela boca palavras mal soantes, que ordi- nariamente sãõ ditas sem advertencia, & menos deliberação com a vehemen- cia, & impeto de tentação. E hão de ser interpretadas piedosamente, porque al- gũas vezes podem ter sētido toleravel, como algũas das sentenças do Santo Iob, quando com a vehemencia de suas dores maldizia o dia de seu nacimiento, &c. Custuma durar muitos annos esta tentação de sorte, que o espirito malig- no de blasfemea parece chega a ser co- mo habitual, & com qualquer minima tentação de tristeza, & de deshonesti- dade, &c. se poem logo em campo este inimigo.

II. Os remedios particulares desta tentação, fóra dos commũs sobreditos sãõ os seguintes. O primeiro commu- nicar

*Escola de Oração.*

nicar muitas vezes com pessoas doudas,  
& espirituaes, principalmente com as q̄  
tem experiencia desta tentação, & con-  
siderar muito os avisos, que ellas lhe de-  
rem. O segundo he divertir-se não so-  
mente em occupaões espirituaes, se não  
tambem com indifferentes entreteni-  
mentos, & alguns licitos jogos, que em  
taes pessoas são excellêtes actos de vir-  
tude, fazendo elles por aliviar a alma  
do grave pezo da tristeza, & tirar as o-  
casioes daquella tentação das blasfe-  
meas, & por esta rezão muitos fervos de  
Deos doudos, & graves costumão pôr  
estas almas em grande perigo carregari-  
doas de exercicios espirituaes impor-  
tunos, & indiscretos: O mesmo digo nas  
outras tentações deste tratado, que to-  
das requerem divertimento, & muita  
prudência nos mestres espirituaes, quan-  
do chegão a taes extremos. O terceiro  
remedio he não tomar mais peña, do q̄  
traz consigo a tentação, mas antes ani-  
mar-se a não fazer caso della, como ha-  
vemos dito da que he contra a Fee: Se  
bem



bem he verdade, que aquella vêm com hum modo mais especulativo:& parece cousa menos difficultosa desprezar hũ argumento impertinente, que hum sentimento furioso, q̃ parece arrebatada traz si o affecto, como acontece em a tentação de blasfemea. Com tudo isso se ha de desprezar, & não dar lugar à vehemencia, pera que não cresça, & procurar serenar, & sossegar o animo pouco a pouco, o melhor que puder ser. O quarto remedio he fazer muitos actos de adoração, & de louvor do Senhor, ainda que seja com pena, porque estes espirituales sacrificios agradão infinitamente a Divina Magestade, em meyo de taes tribulações, & por elles se indigna a cõmunicar seu favor a estas afflictas almas, & alivialas de tão cruel pena.

*Tentações de escrupulos.*

12. **Q** Vanto às tentações de escrupulos, que poem o homem em pontos, que lhe falta pouco aos servos de Deos pera enlouquecer,

*Escola de Oração.*

cer, & juntamente aos principiantes, & modernos na virtude, mas ainda aos antigos, & de muitas letras: ha-se de notar, q̄ alem do modo ordinario de muitas pessoas, que padecem esta tentação eustuma chegar a hum certo extremo, q̄ parece incrível, & esta demasia extraordinaria se cre provavelmente, porque em muitas pessoas não se funda tanto em ignorancia, ou desconfiança, ou em outra cousa, que nellas esteja, quanto na providencia do Senhor, que dar lhes este exercicio, o qual he hum certo genero de martyrio, pera seu mayor merecimento. Não ha pera q̄ deternos mais nesta materia, que claramente se ve por exemplos quotidianos, ainda q̄ conhecido, que não são muitos em numero, os q̄ sendo pessoas granadas na doutrina, & entendimento venhão no ultimo de sua vida a padecer esta tentação em o extremo, que fica dito.

13. Os remedios particulares alem dos commús são os seguintes. Primeiro he obrigarêse a governarse por fé, quer  
dizer

dizer reger-se pello que lhe diz seu confessor o qual ha de ser douto, & espiri-  
tual. Este remedio era só bastante com  
a graça do Senhor se o tentado obra-se  
valerosamente, como o pede a rezão.  
Porque este remedio não está posto em  
opinião, como o estão os casos particu-  
lares de peccados, acerca dos quaes po-  
de dizer o tentado, que ha opinioes dif-  
ferentes de Doutores, & que quer dis-  
putar qual he a mais segura. Em este ca-  
so não he assi, porque não ha Doutor  
algum, que tenha opinião, se não q̄ to-  
dos concordemete affirmão, como cou-  
fa indubitavel, que despois que hũ pe-  
nitente fizer eleição hũa vez de hum  
bom confessor, pode, & deve o tal es-  
crupuloso governar-se em tudo por a-  
quilo que seu confessor lhe disser com  
toda a segurança. Conforme esta dou-  
trina o escrupuloso faça hũa vez a elei-  
ção escrupulosamente, quero dizer pru-  
dentemente, mas despois de havela fei-  
to considere, q̄ não lhe fica rezão, nem  
opinião pera formar mais algum esclu-  
pulo,



### *Escola de Oração.*

pulo, & he isto tanto verdade que ainda que por conselho do confessor deixe o escrupuloso de confessar alguns peccados, que a elle lhe parece não havelos confessado, julgando o confessor o contrario, ou ainda que realmente lhe pareça ao penitente, que não ha satisfeito com o divido officio, parecendolhe ao mestre, ou confessor o contrario, não ha rezão pera formar escrupulo sobre estas materias.

2. Remedio he fundarse em húa doutrina commúa, que pello mesmo caso, q̄ forma escrupulo de húa cousa pode seguramente, & deve inclinar se a querer o contrario, porque tem hum bonissimo principio moral, & universal, pera não querer aos escrupulos particulares, que isso he estar enfermo com esta doença de escrupuloso.

3. Remedio he fazer força assi mesmo a não deixalos formar interiormente; quero dizer, que quando sente, que o pensamento do escrupulo se vai formando, ou imprimindo nalma seja mui diligente

diligente em desfazelo, pera que se desfça antes que de todo se represente. O que pode, & deve fazer com toda a segurança, seja o escrupulo qual for.

4. Remedio he communicar com outros servos de Deos, & olhar, como se confessaõ, & como rezão o divino officio, &c. porque vendo elle que tantas pessoas reputadas por boas, & fantas não sotilizão as cousas, nem adelgação as miudezas em que elle repara, este cõmum o ajudará a que alargue o coração, & se não deixe fogueitar da quella escrupulosa paixão.

5. Remedio he sentir bem da divina bondade, & misericordia, & tratar muito com os servos de Deos destes pontos, com os quaes convencem muito o entendimento a crer, que não he verisimel, que aquella charidade infinita se ponha a reparar naquelles pontinhos, & palheiras em que o escrupuloso olha, & repara, & procurando sentir esta verdade de Deos nosso Senhor se esforçará, & desabafará o coração pera fazer

*Escola de Oração.*

muitos actos de confiança em sua Divina Magestade.

14. Quanto à tentação de desesperação se ha de advirtir q̄ algũas vezes procedem da multidão dos peccados da vida passada, com hum grande temor, de que quem tanto ha peccado como se ha de salvar. Outras vezes vem, ser esta occasião, mas movida por instigação diabolica, com excessivo temor da estreita conta do juizo divino. Outras vezes succede, por particular providencia de Deos nosso Senhor pera mayor merecimento do que he tentado desta forte, como fica dito nas outras tentações. Esta especie de tentação tambem afflige muito, porque combate, & litiga contra a esperança de todo o nosso bẽ, & nas pessoas de virtude, que muito de coração amão ao Senhor, causaõ hũa grandissima turbação, porque sentem intimamente as ausencias de sua costumada esperança, de gozarem eternamente aquelle Senhor, aquem amão sobre todas as cousas, & por quem sempre suspi-



suspirão neste valle de miserias.

15. Os particulares remedios desta tentação alem dos commús consiste em illustrar bem o entendimento com as eficazes rezoés, que tem ainda os mayores, & grandes peccadores, pera esperaré a eterna saude naquelle mesmo ponto, & hora, que a Deos de todo seu coração se convertem. Porque a tentação de desesperação formase em húa odiofa estimação da Divina Misericordia, & dos remedios que ha preparado pera a salvação dos homens, & así as armas contrarias he aclarar o entendimento, q̄ estava escuro, & fazer, que faça estimação, & ponderação dos motivos que ha de esperança, que pòde mover as mesmas pedras, são os remedios proprios desta tentação, destes motivos, que se reduzem a tres principios, que são a natural inclinação da Divina Bondade, pera fazernos bem, & o mysterio da Encarnação, & paixão de Christo Senhor N. que do Cèo veyo salvar os peccadores, & as suas promessas fidelissimas declara-

*Escola de Oração.*

radas no Santo Evangelho, q̃ ha ey tratado copiosamēte na arte de bem morrer, por quanto a tentação de desesperação custuma naquella ora attribular muito as pessoas faltas de virtudes, & assi não tenho, que determe a tratalos neste lugar.

*Tentação de odio de Deos.*

16. **A** Cerca desta tetação do odio contra Deos nosso Senhor se ha de advertir que aflige intoleravelmente a muitos fervos de Deos nosso Senhor; os quaes na parte inferior sentem hũa grande averção a sua Divina Magestade, & as cousas de seu divino serviço; o que lhe parece intoleravelmente penoso, & infosfrivel, porq̃ estas pessoas, que assi se sentem affictas são de consciencia, & vida mui pura, & tem a Deos grande amor, & sentem com esta pena hũa mortal desconsoação, & lhes parece; que Deos nosso Senhor as carrega muito com sua cruz, & cõ tudo isto

isto cõ esta pena inexplicavel não faltão em as cousas do serviço de sua Divina Magestade, obrandoas neste tempo como fazião quando lhes parecia, q̃ erão regaladas de sua Divina mão, quando em paz de espirito passavão a vida. Estas almas necessitão muito de serem cõsoladas, & aliviadas dos servos de Deos sabios espirituaes, porque sua desconso- lação he em summo grao penosa.


17. Os remedios particulares pera esta gravissima tentação, fóra dos cõmús são os mesmos, que ficão ditos pera a tentação de blasfemea, que ordinariamente custuma ser companheira da tẽtação odiosa, & assi não ha pera que de- ternos mais neste ponto.

18. Pera outras tentações menos crecidas, & empertinentes, que se ajuntão com algũa alteração das paixões, servi- rà o seguinte tratado, donde, pera ellas, se applicão os remedios.



TRATADO V.

Das paixões.

I.  Perguntase, q̃ cousa he paixão? Respódo, que por este nome, em esta materia, & preposito entendẽ os Philosophos, & Theologos o acto do appetite sensitivo, que se move com a imaginação do bem julgado por conveniente, ou do mal julgado por nocivo, de maneira, que entrevem algũa comoção, ou mudança do corpo, particularmente do coração, no qual se sentem mais as paixões interiores.

2. Perguntase, que cousa he appetite sensitivo? Respondo, que he hũa licença d'alma unida com o corpo, que está na parte inferior do homem, cujo objecto he o bem, ou mal sensível que a imaginação lhe propoem, com estimação de conveniencia, ou desconveniencia. Tem o seu assento no figado, & no coração,

S. Thom.

1.2.9.22

23.

ração, & como querem alguns, só no coração (conforme diversas opinioes,) & divide-se em duas partes, concupiscivel, quero dizer desejosa, & apaixonada.

3. Perguntase, qual he a parte inferior do homem, donde está o apetite sensitivo? Respondo, que pera entender esta parte inferior do homem, donde tem seu assento o apetite sensitivo, se ha de notar com S. Thom. 1. *parte quest. 79. art. 9.* que o entendimento do homem em quanto contempla as cousas divinas, & eternas, ou as olha pera encaminhar a ellas suas acçoens, & obrar outras cousas, se chama rezão superior, & em quanto olha as cousas creadas, & as dispoem, & ordena por rezoões de creaturas, se chama rezão inferior; de sorte que se divide em rezão superior, & inferior, ou porção superior, & inferior da rezão, q̄ he o mesmo, & a estas duas porçoões, & partes, respondem outras duas porçoões na vontade, em quanto essa vontade se move pellas rezoões da porção superior, & inferior do entendimento. Tambem

### *Escola de Oração.*

se advirta que toda a parte sensitiva do homem se pôde chamar razão inferior em quanto pôde obedecer ao imperio do entendimento, & vontade. Note-se finalmente q̄ communmente entre as pessoas espirituas, por parte inferior do homem, se entende toda a parte sensitiva, na qual se inclue o apetite sensitivo, pera cuja mortificação, he necessario saber as cousas, que contem o presente tratado. Tambem he necessario saber o que pôde o de nonio obrar no apetite, movendo a imaginação, as paixões, & humores, pera o qual se leão os primeiros numeros do tratado da discriminação dos espiritos.

4. Perguntase, qual he o officio da concupiscivel, & irascivel? Respondo, que o officio da concupiscivel he mover-se atè o bem, que lhe he proporcionado, & fugir do mal contrario; & o officio da irascivel he pelejar contra as difficuldades, que impedem alcançar o dito bem, & fugir dos males da concupiscivel, de tal forte, que he como homem



mem armado, & aparelhado pera vencer as difficuldades dos impedimentos, que se offerecem.

5. Perguntase quantas são as paixões? Respondo, que são onze, seis das quais estão em a concupiscivel, cinco em a irascivel. As seis da concupiscivel são, amor q̄ he hũa inclinação, & cóplacencia do apetite em ordem ao conhecido bem: desejo, ou concupiscencia, que he movimento, ou extensaõ do amor, que se estende pera abraçar o bem, gozo, ou deleitação, que he hum movimento do apetite, posto já em possessaõ do bem, & estas tres paixões olhão, & correspõdem ao bem que se deseja: Odio, que he dissonancia, ou desunião do mal no apetite: Fuga, ou abominação, que he hum retirar-se, & desviar-se o apetite do mal, tristeza, ou dor, que he apressaõ do apetite pella interior representação do mal presente, ou pello mal unido ao corpo com a aprehensaõ do sentido, & estas tres paixões seguem a alma, pera perdela: as paixões da irascivel são, e speranza,

*Escola de Oração.*

ça, que he hum movimento do a petite, & hũa elevação em ordem ao bem arduo, ou difficil de o alcançar, ainda que se julgue ser possível o alcançalo: Audacia, ou ousadia, que he hum movimento do apetite pera o mal, que ameaça de perto, & he difficultoso de resistir: Desesperação, he hum desmayo, ou froxidão do apetite pella difficuldade do bem que lhe parece difficultoso, que a seu juizo lhe parece não pôde alcançar: Temor he hum divertimento, & retirar-se o apetite do mal futuro difficultoso de evitar, ainda que não he impossivel: & finalmente ira, que he hum movimento do apetite, que deseja vingança despois de recebida a injuria.

6. Perguntase, que bem, ou mal he aquelle que olha, & respeita o apetite sensitivo? Respondo, que o bem, a que se inclina o apetite sensitivo se divide naquellas tres especies, celebradas dos Philosophos, que são bem honesto, util, & delectavel, bem (digo) verdadeiro, ou aparente, ao qual se move o apetite fugindo

fugindo dos tres males contrarios, que são deshonra, desconcomodidade, dano, tristeza, ou dor; o qual se ha de notar muito pera saber o alvo das paixões, cõ claridade, & distincção. De maneira, que com este modo notavel saberà qualquer pessoa quando vir, que em sua alma se levanta algũa paixão, logo conhecerà, que busca algum bem verdadeiro, ou aparente.

7. Perguntase, qual he a ordem, que tem as paixões com a primeira, & principal, que he o amor? Respondo, que de tal maneira estão subordinadas, & atadas as outras paixões com a primeira, que nunca se movem, se não he por respeito, ou causa della, cujo movimento sempre vai diante, de forte q̃ ninguem deseja, ou se deleita, se não naquillo que ama; ninguem aborrece, foge, ou se entristece, se não por algum mal, que he contrario, ao bem, que ama; ninguem espera, nem se atreve a pelejar, se não pello q̃ ama; ninguem desespera, teme, ou se encolerisa, se não por algum bem q̃ ama.



*Escola de Oração.*

ama. 8. Perguntase, se as paixões são actos bons, ou maos? Respondo, conforme a opinião de Aristoteles, & a commum dos Theólogos com S. Thomas, que o amor proprio, & todas as paixões medidas, & reguladas pella rezão, são actos bons, & perfeitos, mas quando carecem daquella regra, & perfeição, são actos maos, & imperfeitos. Donde se segue hum importante aviso, & he q̃ quem se inclina a mortificar as paixões com os mesmos actos dellas reduzidos ao acerto, que a rezão pede, adquire excellentes virtudes, & pello contrario o que se deixa levar desordenadamente dellas amontoa pessimas obras, & viciosos actos.

9. Perguntase, se as paixões obedecem de todo à rezão? Respondo, que não, com S. Thom. 1. 2. *quest* 17. *art.* 7. porque depêdem não sómente d'alma, se não tambem do corpo, cuja disposição não està de todo sogeita ao imperio da rezão, & assi he verdade, o que diz  
Aristo-

Aristoteles *Polit. cap. 3.* que a rezaõ governa, & manda a irascivel, & concupiscivel com imperio politico, & cortez, do modo que ElRey manda aos que são livres, os quais nem sempre lhe obedecem, & os manda não com absoluto imperio, como o Senhor manda a seus escravos.

10. Perguntase se as paixões algũa vez chegão a privar do uso da rezaõ? Respondo, que si, o que se ha de notar muito pera fazer juizo dos affectos das pessoas espirituas, principalmente quando as paixões andão inquietas, & excitadas do demonio. Advirtase com o Cardeal Caetano 1. 2. *quest. 12. art. 7.* Que muitas vezes succede que o primeiro principio de algũs achaques corporaes, he a imaginação, que causa algum movimento, no apetite sensitivo, conseguintemente move, & altera a disposição corporal. Advirtase com o mesmo author que pella mesma rezaõ allegada, muitas vezes a imaginação he causa, que ainda estando despertos succede

08 *Escola de Oração.*

a estas pessoas illuções semelhantes às q̄  
tem os freneticos, ou aquelles que estaõ  
dormindo. A causa he a alteraçã do  
sentido pello movimento sensitivo do  
apetite, & consequentemente do corpo,  
conforme as qualidades naturais, de  
quentura, ou frialdade, &c.

11. Perguntase, que cousa seja amor  
mais distinctamente? Respondo, que a  
difição do amor he hum movimento  
de complacencia, ou inclinação, que  
causa o conhecido bem no appetite, de  
maneira que aquella primeira impres-  
são, que faz hũa cousa boa, ou fermosa  
no coração espertando nelle a compla-  
cencia, ou inclinação sobredita, se cha-  
ma paixão de amor, o qual se divide em  
amor de amizade, & amor de concupif-  
cencia. Amor de amizade he aquella in-  
clinação do appetite, q̄ olha ao termo, &  
fim por si; principalmente, como (diga-  
mos) respeita hum homem a outro, &  
ihe quer dar hũa joya, o amor que tem  
a este homem he o amor da amizade, &  
o amor da joya he amor de desejo, o  
qual



o qual não olha a joya por si, principalmente, se não em quanto he util, ou delectauel ao amigo.

12. Perguntase, quaes são as causas principaes do amor? Respondo, que as geraes são estas. 1. A bondade, & fermosura. 2. A semelhança das pessoas. 3. O amor de quem ama, que produz outro amor na cousa amada, porq̃ ajúta, & une o que ama à cousa amada. 4. Os beneficios. Mas as causas particulares, que fazem húa pessoa amada são muitas, v.g. todas as excellencias de nobreza, de sciencia, de prudencia, de agudeza, de engenho, de industria, &c. Grande motivo de amor he a graça natural, que consiste em composição das acçoés, como a fermosura na compostura dos membros: muito serue pera este fim a modestia, no sentir de Aristoteles, o qual envergonha aos Christãos pouco afeiçãoados a este cabal adorno da vida humana. Notem os Religiosos quanto bem se adquire com a modestia pois cõ ella se fazem summamente amaveis, &

*Escola de Oração.*

he conselho dos Santos procurar com tais meios ser agradaveis aos proximos.

13. Perguntase, quaes são os effeitos do amor? Respondo, que são os seguintes. 1. Extasi, que he o mesmo que sair de si, pera se unir à cousa amada. 2. Húderretimento, ou ternura, aqual he como clareza d'alma, ou como húa maneira de abrir os poros, pera inclinar a si a cousa amada, como a esponja embebe em si a agoa. 3. A união, que he, como hum contrato de duas almas. 4. A união correspondente, & recipocra; que he como enlaçar-se, & atar-se às cousas já unidas. 5. A união, que he húa maneira de entrar hum amante em outro com affectos do coração. 6. A transformação, que he hum querer mudar-se na forma, ou perfeição da cousa amada. 7. O ardente zelo, & ciume, que não sofre companheiro no bem que goza. Estes effeitos do amor se exercitão com mais força, quando o amado bem se possue. E quando despois do grande desejo, q se chama fervor, não se possue, se segue hum